

ARQUEOLOGIA E SOCIEDADE NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO GRANDE, SUL DE SÃO PAULO: AÇÕES EM ARQUEOLOGIA PÚBLICA LIGADAS AO PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA MINA CALCÁRIA LIMEIRA.

*Erika Marion Robrahn-González**

Resumo: O presente artigo visa analisar o desenvolvimento da Arqueologia Pública enquanto prática e conceituação científica, e apresentar uma iniciativa de aplicação que vem sendo desenvolvida junto à comunidade do município de Ribeirão Grande, localizado na região sul do Estado de São Paulo, com apoio da Companhia de Cimento Ribeirão Grande.

Palavras-chave: Arqueologia Pública, Ribeirão Grande, Arqueologia de São Paulo

Introdução

Todo ser humano é, em algum ponto de sua essência, um arqueólogo. Isto significa dizer que a Arqueologia existe, em primeiro lugar, da necessidade do ser humano em registrar sua própria história, seja através dos documentos escritos, das narrativas orais ou dos diferentes marcos deixados no mundo que o rodeia, como a construção de templos, o registro de cenas pintadas em paredes rochosas, a implantação de sinais que delimitem os territórios ocupados, e assim por diante. Esses marcos, em especial, são produzidos pelas sociedades humanas para que sejam reconhecidos tanto pelos próprios membros de sua sociedade, como também por outras sociedades, definindo seu universo político, econômico, social e cultu-

ral. Nos dias de hoje, não mais nos limitamos a deixar registros em nosso próprio planeta, mas lançamos artefatos ao espaço (como a placa metálica enviada pelos EUA contendo a figura humana desenhada por Leonardo da Vinci e fórmulas matemáticas). Estamos preparando, portanto, vestígios arqueológicos para que nossa história possa ser lida por cientistas de muito mais além.

Por outro lado, todo ser humano tem necessidade de conhecer sua história, construindo, a partir dela, suas referências de vida. A experiência acumulada pelo homem fornece a sustentação necessária para olhar o futuro: seja perpetuando antigas formas de vida, seja negando estas formas e construindo novas alternativas de desenvolvimento.

O ser humano necessita, por fim, compreender formas de vida muito diferentes das suas, como foram, por exemplo, as sociedades da América para os colonizadores europeus quando alcançaram nosso continente, no século XV.

(*) Núcleo de Estudos Estratégicos / UNICAMP
arqueo@terra.com.br

A Arqueologia é, em essência, a busca desta história de experiências humanas. Milênios antes da Arqueologia se firmar como disciplina no ocidente membros de diferentes sociedades procuravam explicar o passado das mais variadas formas, onde se incluem desde os mitos de criação do universo apresentados por grupos indígenas, até escritos gregos datados em 800 anos a.C. que fazem referência à primeira divisão do passado humano em eras culturais (Idade do Ouro, Idade da Prata, Idade do Bronze, Idade Heróica e Idade do Ferro).

Estes foram, sem dúvida, os arqueólogos de seu tempo. De fato, a História da Arqueologia é, antes de mais nada, uma história de idéias e de descobertas, de formas de olhar o passado. E cada olhar constitui um reflexo ou produto de seu próprio tempo. Se no início podemos chamar, com certa liberdade poética, de "arqueólogo" aquele que registrava cenas de sua cultura em paredes de pedra, hoje chamamos de arqueólogo aquele que se vale de modernos conceitos teóricos, técnicas sofisticadas e grandes organizações de trabalho para explicar, segundo os atuais preceitos da Ciência, o mesmo velho tema: a história humana.

Enquanto arqueólogos deste início do século XXI, trazemos no currículo pelo menos cinco séculos de experiência, contados desde os primórdios da disciplina no continente europeu, ainda durante o século XV. Se fôssemos capazes de contabilizar o investimento intelectual e o volume de estudos realizados, certamente nos surpreenderíamos com o resultado: milhares (ou milhões) de trabalhos de campo, de acervos pesquisados, de datações adquiridas, de publicações, apresentações em reuniões e congressos, debates científicos, exposições e muitos itens mais.

Dos colecionadores de peças exóticas da Antiguidade aos dias atuais, a Arqueologia não foi apenas capaz de acumular um conhecimento respeitável sobre o passado humano; discutiu incansavelmente, também, sua responsabilidade ética sobre este pas-

sado, à medida em que apontava novas e mais abrangentes perspectivas de abordar o desenvolvimento das sociedades ao longo do tempo.

Como consequência e continuidade desta dinâmica, mais uma vez a Arqueologia se encontra no divã. Todavia, enquanto ao longo de sua história os agentes motivadores de mudança foram, principalmente, membros de dentro de sua própria comunidade científica, desta vez eles vêm de fora e podem ser sintetizados em uma única palavra: sociedade.

Este movimento vem sendo internacionalmente denominado "Arqueologia Pública", voltada ao relacionamento entre a pesquisa e o manejo de bens culturais com os grupos sociais interessados, de forma a promover a participação da sociedade na gestão de seu patrimônio arqueológico e histórico.

Essa abordagem prescinde, todavia, de uma profunda mudança de postura com respeito ao nosso "objeto de estudo" e procedimentos de trabalho. Hoje entendemos não ser mais possível que a Arqueologia continue voltada ao desenvolvimento de um ser abstrato chamado "Ciência", colecionador insaciável de novas teorias, novas descobertas, novas abordagens, novas discussões. Valendo-me de uma imagem da nossa velha conhecida Teoria de Sistemas, o *turning point* da Arqueologia pode ser sintetizado em uma única palavra: sociedade.

Temos, assim, uma mudança essencial de foco, onde a Arqueologia deixa de ser uma ciência com olhar voltado ao passado para assumir sua responsabilidade na compreensão do presente e na promoção do futuro.

O presente trabalho visa apresentar uma reflexão sobre o tema, apoiado em uma discussão teórica e conceitual e apresentando uma síntese dos resultados até o momento obtidos pela pesquisa que vem sendo desenvolvida em parceria com a empresa Companhia de Cimento Ribeirão Grande (CCRG) por conta do licenciamento ambiental do Projeto de Ampliação da Mina Limeira, localizada na região sul de São Paulo, município de Ribeirão Grande.

Conceituação

A busca em compreender o passado humano se deu, inicialmente, através de manifestações oriundas da própria sociedade, como nos exemplificam os mitos de criação do mundo, ou mesmo a atividade quase instintiva de colecionar objetos que remetessem e materializassem a própria existência deste passado. À medida que a Arqueologia foi se firmando enquanto disciplina (especialmente a partir do século XIX), o estudo e interpretação da história humana constituiu domínio e atribuição de profissionais cientistas, em busca de um “passado objetivo real”. A própria terminologia cada vez mais técnica da Arqueologia, em boa parte adquirida através da *New Archaeology*, já no século XX, perpetua a mistificação da disciplina, e sua prática pressupõe uma crescente alienação junto ao público, fazendo crer que pouco há para ser aprendido com a participação da sociedade nas pesquisas.

Esse distanciamento do arqueólogo junto ao público pode ser bem ilustrado por uma situação apresentada em artigo de Shackel (2002:13), em que relata escavações realizadas no Parque Nacional Harpers Ferry/EUA, na década de 1970. Na chegada ao local de trabalho possíveis visitantes eram recepcionados por uma placa contendo os seguintes dizeres:

Yes – we are archaeologists.

Yes – we are doing archaeology.

Please do not disturb us.

Os primeiros arqueólogos a atravessar a fronteira entre a audiência científica e a audiência pública foram duramente criticados, incluindo um certo questionamento sobre a própria sustentação científica de seus trabalhos.

Essa iniciativa se deveu à Arqueologia Pós-processualista que, a partir do início da década de 1980, alertava sobre os cuidados

e responsabilidades referentes ao conteúdo das mensagens transmitidas sobre o passado, considerando as dimensões sociais e políticas envolvidas. Isto se aplicava tanto à divulgação científica quanto à divulgação voltada ao público em geral (para uma revisão do tema vide Moser 2001).

Observou-se assim uma crescente preocupação, no cenário internacional, com os aspectos públicos da Arqueologia, entendidos como as questões de planejamento econômico, ações sociais e políticas envolvidas na prática da disciplina. Com a fundação da WAC (World Archaeological Congress) em 1986, a Arqueologia tem tratado de forma mais sistemática o relacionamento entre a pesquisa e manejo de bens culturais e os grupos sociais interessados. O surgimento da primeira publicação periódica sobre o tema, *Public Archaeology* (Londres, James & James), em 2000, assinala o amadurecimento das discussões estratégicas sobre o caráter público da disciplina e sua importância social.

Em vários outros países do mundo, incluindo o Brasil, a Arqueologia deixou por muito tempo para uma equipe de não-arqueólogos (incluindo caçadores de tesouros, amadores, saqueadores e romancistas) a missão de propagar suas descobertas e interpretações, não raro de modo distorcido. Nos últimos anos, todavia, os arqueólogos começaram a introduzir em sua rotina de trabalho diferentes ações referentes à agenda em Arqueologia Pública, como educação, integração com a comunidade e proteção/preservação de sítios arqueológicos.

Inicialmente as ações em Arqueologia Pública estiveram mais voltadas à proteção e preservação do patrimônio arqueológico, haja visto que os profissionais se depararam com um ritmo cada vez mais acelerado de degradação e destruição deste patrimônio. A perda de patrimônio cultural é comparável à extinção de espécies vegetais ou animais: é para sempre. A manutenção dos vestígios do passado (sejam eles artefatos, sítios arqueológicos, paisagens ou qualquer tipo de estrutura) constitui elemento fundamental

para continuar havendo uma ligação tangível com o passado, elemento crítico de toda vida social. Assim sendo, independente de como o passado é estruturado, compreendê-lo e proteger seus símbolos constitui parte integrante da experiência coletiva humana – e da classe arqueológica em particular (Smith & Ehrenhard 2002:121).

Mas rapidamente os arqueólogos perceberam que necessitavam reconhecer não somente sua responsabilidade sobre os vestígios arqueológicos, mas igualmente sobre as pessoas cuja herança histórica e cultural se relacionava a estes vestígios (Little 2002:10). Um dos benefícios públicos da Arqueologia está justamente em contribuir para o fortalecimento dos vínculos existentes entre a comunidade e seu passado, ampliando o interesse da sociedade sobre o patrimônio e criando, assim, a sustentação necessária às medidas de preservação.

Nessa empreitada devemos explorar o grande interesse e fascínio que a Arqueologia desperta nas pessoas, por conta de seu perfil de descobertas e da busca pelo passado. De fato, a Arqueologia parece constituir a segunda profissão de mais da metade da população. Frequentemente nos deparamos com frases como “se eu não fosse engenheiro (ou médico, ou professor, ou qualquer outra profissão), seria arqueólogo”.

A relação que a Arqueologia estabelece com as diferentes áreas de conhecimento – uma vez que é uma ciência verdadeiramente interdisciplinar, fruto da somatória de cada disciplina científica e humanista – é mais um dos fatores que faz com que muitas pessoas se sintam próximas a ela. Isto se aplica, por exemplo, ao caso da estabilidade e mudança ambiental: através do conhecimento da sucessão de experiências humanas ocorridas sobre um ecossistema, é possível refletir sobre alternativas de gestão e manejo, trazendo uma visão mais global e tangível ao tema (Little 2002: 9; De Vries 2003).

Podemos citar ainda como fator de aproximação entre a Arqueologia e o público em geral o crescente interesse e uso de tecnologia no mundo moderno. A Arqueolo-

gia não só utiliza uma série de tecnologias nas pesquisas, onde se incluem as datações radiocarbônicas, sensoriamento remoto, análises químicas, entre outros (McManamon 2000:13), assuntos que despertam grande interesse do público em geral, e do estudante em particular – como por intermédio de seus estudos é possível conhecer o desenvolvimento tecnológico desde a pré-história até os dias atuais e outros aspectos do desenvolvimento humano, como a agricultura e a metalurgia.

Fatores como os acima mencionados levam muitas pessoas a considerar a Arqueologia importante, estando, na maior parte das vezes, interessadas em aprender sobre ela. Acreditam que seu estudo traz ferramentas importantes também para entender o mundo moderno, ressaltando seu valor educativo, artístico, estético e até espiritual. A Arqueologia pode, assim, desenvolver elos entre presente e passado, fortalecendo-os mutuamente e trazendo ensinamentos sobre a experiência humana como um todo (Little 2002:16).

Se expandirmos nossa visão para reconhecer os sucessos e insucessos das sociedades ao longo dos tempos, nossa tolerância social deverá ser expandida. Hoje os estudantes necessitam compreender a história do mundo e de pessoas de diferentes culturas e contextos que desenvolveram idéias, instituições e formas de vida diferentes da sua. Nesse sentido, o conhecimento de diferentes formas de vida, experiências e perspectivas da humanidade no passado podem contribuir em criar cidadãos mais pacientes e respeitosos, especialmente com grupos excluídos ou minorias étnicas, em nossa sociedade crescentemente pluralista (Shiva 2003; National Center for History in the Schools 1996:1, citado por Little 2002:12).

Hoje temos necessidade de sermos competentes num mundo multicultural, e a Arqueologia pode proporcionar ferramentas que auxiliem a viver nesta sociedade crescentemente complexa, ensinando as pessoas sobre outras culturas e tempos, fornecendo-lhes ferramentas para melhor com-

preender a diversidade humana, ao expandir suas visões de mundo (Little 2002:13).

Essa compreensão da diversidade leva à tolerância, que permite a inserção de diversos segmentos da sociedade, tornando todos os indivíduos sujeitos plenos de direitos e deveres: cidadãos. Assim, um dos benefícios públicos da Arqueologia é o mesmo que oferece a história e a ciência: a educação da cidadania. Do mesmo modo que o multiculturalismo pode ser representado tanto pela existência de uma multiplicidade de culturas do mundo, como pela co-existência de culturas diversas no espaço de um mesmo Estado-nação e as interinfluências que ocorrem tanto dentro como além do Estado-nação (Santos 2003), o conceito de cidadania não presume limites estritos: pode-se, ao mesmo tempo, ser cidadão de um município, de um país, ou cidadão do mundo (Ribeiro 2000), e a Arqueologia transita entre estes diferentes níveis o tempo todo.

Assim, como bem coloca McManamon (1991, 1994, citado por Smith & Ehrenhard 123), não temos apenas um público a considerar, mas vários. Devemos refletir sobre a maneira como nossa sociedade se posiciona com relação ao seu passado: Qual o passado que merece ser resgatado? Quais os mecanismos que a sociedade utiliza para registrar e perpetuar sua própria história?

Em oposição às ciências naturais, a ciência social necessita ser, particularmente nestes tempos pós-modernos, pluralista em essência. A admissão de diferenças não põe em cheque a autoridade da disciplina. Ao contrário: o reconhecimento de que as idéias e interpretações são produto de condições históricas específicas amplia o debate e sua contribuição. Segundo define Molyneux (1994:6), se desejamos obter uma compreensão do passado que abranja a complexidade e diversidade de suas mensagens possíveis, então precisamos reconhecer a existência de um público igualmente diverso, e aprender a lidar com ele. Para assim proceder mostra-se necessário reconhecer e respeitar todos os valores atribuídos à herança arqueológica, incluindo a científica.

É preciso, assim, reconhecer a pluralidade de interesses e graus de percepção do passado, bem como as necessidades políticas do presente. Para tanto, os programas de pesquisa devem envolver aspectos culturais e identitários da comunidade envolvida, elementos que exigem novas posturas e abordagens, trazendo alterações essenciais aos estudos arqueológicos (Gosden 2001; Fagan 2002).

A Arqueologia pode construir elos entre a comunidade no presente, assim como no passado, no momento em que sua herança cultural é valorizada, preservando histórias e tradições. Por essa razão o conteúdo da mensagem a ser transmitida ao público deve estar, antes de mais nada, atrelado à história local, de forma a construir um elo de percepção junto ao público, partindo daí para contextos mais gerais. Isso pode incluir objetos identificados no local, sítios ou vestígios mais conhecidos, dados sobre como os grupos humanos do passado viveram naquele mesmo espaço geográfico, entre tantos outros (McManamon 2000:13; Lerner 1991, citado por McManamon 2000:14). Por outro lado a mensagem deve também conter dados sobre a importância deste patrimônio, o fato dele ser único e não renovável, e também o esforço e detalhamento da pesquisa científica necessária para construir o conhecimento, visando sensibilizar o público sobre sua valorização e necessidade de preservação.

No caso brasileiro, onde a sociedade nacional foi formada através de uma ruptura entre as ocupações indígenas que aqui se encontravam e o elemento europeu, mais tarde acrescido pela cultura africana, é frequente a comunidade atual não reconhecer vínculos com o contexto arqueológico, embora tenha interesse pelo seu sentido exótico. Isso se agrava pelo fato de que até mesmo a construção da História do Brasil tenha sido tradicionalmente feita a partir de sua classe intelectual dominante, resultando em um baixo ou nulo reconhecimento da população em geral como sendo esta a "sua história". O próprio currículo escolar não inclui uma efetiva história das minorias, apesar de

sua participação fundamental na formação e desenvolvimento da sociedade nacional.

Contexto muito próximo ocorre em pesquisas no sul da África, onde os vestígios arqueológicos e a herança patrimonial foram, durante todo o longo período colonial, tratados a partir dos interesses da aristocracia e não a partir das aspirações das comunidades locais. Assim, como parte do processo político e da própria perspectiva da pesquisa arqueológica realizada, parte do legado colonial foi justamente causar a alienação das comunidades locais com sua herança cultural (Ndoro & Pwiti 2001:21).

Nesse sentido os vestígios arqueológicos, enquanto elementos materiais tangíveis, proporcionam uma experiência que auxilia no reconhecimento de que existe um passado, constituindo uma ponte concreta entre o antes e o agora e proporcionando, como define Lowenthal (1985:XXIII, citado por McManamon 2002:32), uma metáfora que ilumina o processo da história e da memória.

No caminho ressurgem uma das questões fundamentais da Arqueologia: quem controla e a quem pertence o passado (ou, nos termos acadêmicos, a quem concerne sua propriedade intelectual?). Certamente os arqueólogos não são os únicos a poder contar histórias, nem tampouco exercem o poder absoluto sobre o passado das comunidades vivas, como ocorre com aquelas que não têm mais voz. Não podemos impor nossa versão do passado ao mundo, ignorando histórias tradicionais e outras perspectivas que a comunidade nos traz. A ciência não é onipotente ou exclusiva: todos nós controlamos e a todos nós pertence o passado, incluindo povos dos quatro cantos da terra. Temos apenas perspectivas diferentes sobre ele, valores culturais específicos e expectativas diversas sobre as lições que pode nos ensinar. Assim, um dos instrumentos mais valiosos da Arqueologia Pública é trazer tolerância e compreensão das diversidades culturais e das diversidades sobre o passado (para uma discussão sobre o tema, vide Thomas 2000, citado por Little 2002:6; Kuwanwisiwma 2002).

De modo análogo os arqueólogos necessitam considerar as diferenças fundamentais entre os grupos humanos no que se refere à própria compreensão da dimensão do tempo. A noção ocidental sobre a passagem do tempo é geralmente adotada como real e natural, mas existem vários exemplos antropológicos e etnográficos contrários. Os grupos Inuit do noroeste do Canadá concebem sua realidade vivendo apenas no presente, sem reconhecer sequenciamentos cronológicos onde organizem seus eventos: o passado é compreendido como parte do presente (Smith & Ehrenhard 2002:122-3; Crist 2002).

Considerando esse conjunto de aspectos, mostra-se essencial que a pesquisa arqueológica seja realizada em conjunto com os descendentes vivos da sociedade que criou ou herdou os vestígios estudados. Assim será possível conduzir os trabalhos a partir de uma perspectiva de "arqueologia democrática", como define Faulkner (2000), que compreende a realização de trabalhos com base na comunidade, de forma não excludente e não hierárquica, e dedicados a um desenho de pesquisa que pressuponha interação entre os vestígios materiais, a metodologia de trabalho e a interpretação. Dentre outros exemplos frutíferos de pesquisas arqueológicas realizadas contando com a participação de membros da comunidade podemos citar o realizado por Field (Field et al 2000) entre os aborígenes Australianos e o de Faulkner (2000) com a sociedade inglesa contemporânea.

Contudo, segundo Fabian (1983), o reconhecimento da mudança não nega aspectos de continuidade mas aponta a necessidade de tratar tanto a mudança como a continuidade como questões empíricas. As culturas não correspondem a entidades estáticas que existem à margem da História (Wolf 1984) e a Arqueologia deve analisar as sociedades contemporâneas a partir desta perspectiva. Nesse contexto a Arqueologia é capaz de trazer o poder do passado para a legitimação das comunidades e seu fortalecimento no presente.

Nas últimas décadas muitos estudos têm se dedicado, por exemplo, a definir de forma mais clara e precisa a natureza e resultado das mudanças geradas pelo processo de colonização, especialmente em sociedades da América e da África (Atkinson 1989; Campbell 1988; Lamphear 1988; Handler 1968; Huffman 1982, 1986; Schmidt 1990; Stahl 1994; Upham 1987; Whitehead 1990, entre outros).

Os benefícios públicos que a Arqueologia poderá trazer, junto a comunidades indígenas ou a comunidades de qualquer natureza, porém, dependem fortemente da solidez e credibilidade científica das pesquisas. Sem isso, o interesse da comunidade será diminuído e sua atenção deverá recair, fatalmente, ao aspecto exótico e fantasioso da disciplina (Lipe 2000:20 in Little).

O desafio do arqueólogo está, entre outros, em estabelecer um significado científico e histórico às “coisas do passado”, ou seja, aos objetos retirados das escavações, que devem ser utilizados como ponte entre a experiência do público e um mundo passado reconstruído a partir de inúmeras outras evidências (onde se incluem a história oral, os mitos e os conhecimentos tradicionais). Nessa tarefa o arqueólogo necessita, mais do que nunca, de uma equipe interdisciplinar que possa transitar em todos os campos de conhecimento e esferas sociais de atuação. Cabe a ele não apenas fornecer os dados de pesquisa que possui, necessários à evolução do trabalho, mas principalmente fornecer seu olhar sobre o passado, para que profissionais nas áreas de antropologia, sociologia, história, educação, publicidade, marketing, turismo e tantas outras, possam trabalhar de forma séria e criativa.

A tudo isto podemos denominar “Ciência Aplicada”, correspondendo ao amplo leque de contribuições que a Arqueologia pode oferecer no fortalecimento e valorização das comunidades atuais.

No Brasil este momento apresenta uma cor especial. Isto se dá especialmente por conta da conjuntura social e política que atravessa, na qualidade de país em desenvolvimento rumo à era da globalização. À Ar-

queologia abrem-se preciosas oportunidades de ocupar espaços ainda vazios, voltados a uma abordagem mais abrangente e pluralista de nossa herança cultural.

É dentro desta abordagem e conceituação que o texto que se segue visa demonstrar uma experiência de trabalho desenvolvido em Arqueologia Pública em uma área da região sul do estado de São Paulo, abrangendo os campos da educação, divulgação, valorização cultural e preservação, com o objetivo de expandir as reflexões aqui apresentadas.

O Programa Arqueológico Mina Limeira

O Projeto de Ampliação da Mina Limeira, de responsabilidade da empresa Companhia de Cimento Ribeirão Grande (CCRG), vem sendo desenvolvido desde 2002 englobando as diferentes fases de licenciamento ambiental da obra. Abrange terras dos municípios de Capão Bonito e Ribeirão Grande, localizados na região sudeste do estado de São Paulo.

A área integra o que se define como “região do alto Paranapanema”, mais precisamente em seu limite meridional, próximo à crista dos divisores de águas com a bacia do rio Ribeira de Iguape. A área-foco da pesquisa é banhada por pequenos córregos que deságuam no rio das Almas que, por sua vez, é um dos formadores do rio Paranapanema, em seu alto curso (*Figura 1*).

O vale do alto Paranapanema oferece interessantes questões científicas à Arqueologia. Em primeiro lugar, corresponde a uma zona de transição ambiental entre a região florestada da serra da Paranapiacaba (fisicamente integrada à porção do médio/alto vale da bacia do Ribeira de Iguape), e o planalto paulista. Esta condição geográfica teria, ao menos em parte, influenciado no assentamento dos grupos indígenas pré-coloniais que ali se desenvolveram, fazendo com que aparentem características específicas, e distintas de suas áreas de origem, o planalto central brasileiro (De Blasis 1996, Robrahn-González & De Blasis 1998).

(ADA), e que foram objeto de estudos sistemáticos intensivos. Todavia, visando obter um contexto científico de referência aos vestígios identificados no interior da ADA, os trabalhos de campo e os levantamentos documentais se estenderam pelo que se definiu como área de influência indireta do empreendimento (AII), aqui considerado como abrangendo todo o vale do rio das Almas e os municípios afetados. Por outro lado, muitas das discussões científicas apresentadas pelo texto exigiram a abrangência de um espaço geográfico maior, podendo alcançar todo o planalto meridional brasileiro no que se refere a questões como migrações, territórios de ocupação, contatos extra-culturais, entre outros.

Os trabalhos de campo tiveram início através de prospecções na ADA, buscando reconhecer o patrimônio arqueológico envolvido. De início foram realizados levantamentos extensivos, consistindo em uma primeira abordagem de reconhecimento da área e de seus vestígios (procedimento especialmente empregado durante os estudos de diagnóstico da área). Em seguida deu-se início às prospecções sistemáticas (tipo varredura), implicando na observação dos terrenos tanto em superfície como em profundidade.

Durante estas prospecções sistemáticas as equipes percorreram cada uma das áreas que compõem a ADA caminhando em alinhamentos paralelos distantes entre si de 20 em 20 metros, com realização de poços-teste a cada 20 m percorridos. Os poços-teste apresentaram dimensões de 0,4m de diâmetro e 1,0m de profundidade (podendo variar a profundidade de acordo com a espessura de solo presente, podendo alcançar até 2,5m).

Esta tática de cobertura por alinhamentos paralelos com distribuição de poços-testes de forma regular permitiu obter dados necessários ao estudo dos padrões de distribuição dos sítios arqueológicos na paisagem. A pesquisa foi responsável pela identificação de 50 sítios arqueológicos, dos quais 17 foram, posteriormente, escavados sistematicamen-

te (**Figura 2**). Dos 50 sítios, 34 são do tipo lítico (ou 68%), 4 cerâmicos (ou 8%), 9 sítios ligados ao período histórico (ou 18%) e 2 sítios multicomponenciais (ou seja, sítios que apresentam vestígios relacionados a mais de uma ocupação humana – 4%) (vide **Tabela 1**).

O presente artigo não objetiva detalhar aspectos referentes a estes sítios arqueológicos, às suas indústrias e às filiações arqueológicas regionais, uma vez que estes assuntos estão sendo tratados e serão apresentados na dissertação de Mestrado de Gerson Levi da Silva Mendes (MAE-USP). A utilização dos dados da pesquisa para trabalhos acadêmicos constitui, aliás, outra iniciativa incentivada pelo Programa, proporcionando o detalhamento de análises científicas sobre os temas tratados e resultando em contribuições científicas adicionais e de maior detalhe em focos específicos.

Desta forma apresenta-se, abaixo, uma síntese dos principais horizontes de ocupação humana identificados pelas pesquisas. Estes horizontes partem do contexto mais antigo (paleo-indio), até alcançar a ocupação atual de Ribeirão Grande, buscando incorporar seus diversos passados, por assim dizer: o passado pré-colonial, formado por diferentes grupos indígenas que se desenvolveram na região há pelo menos 5.500 anos atrás, e o passado histórico, que embora na memória da atual comunidade que ali vive recue apenas até a época da mineração (a partir do século XVII), incorpora traços marcantes de tradição indígena em diversas práticas do cotidiano.

Neste contexto, o objetivo maior do presente artigo é incorporar a comunidade atual na história regional, através das diferentes nuances materiais e materiais que constituem a continuidade e herança deste passado milenar. Assim, na apresentação dos chamados “horizontes de ocupação humana”, será dada maior ênfase e detalhamento em seus aspectos uma vez que, conforme já mencionado acima, os contextos de ocupação pré-colonial estarão sendo apresentados em trabalho acadêmico.

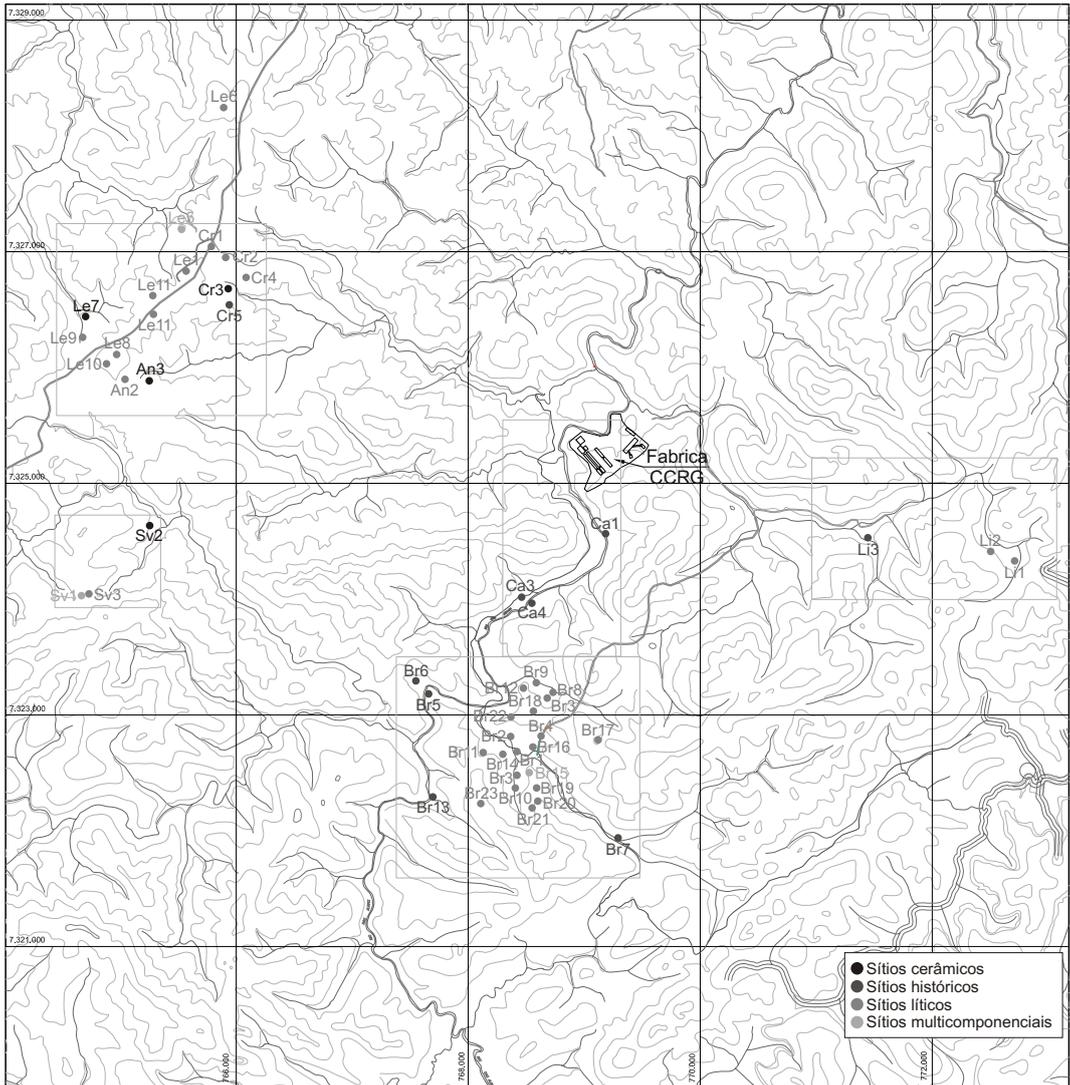


Figura 2 - Localização dos sítios arqueológicosura

Tabela 1
Sítios arqueológicos identificados pelo programa

Nome do sítio	Tipo	Área	Coordenada UTM
Sítio Leiteria 1	Lítico	D.E. Leiteria	22 J 765568/7326832
Sítio Leiteria 2	Lítico	D.E. Leiteria	22 J 765281/7326621
Sítio Leiteria 4	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 764889/7326690
Sítio Leiteria 5	Multicomponencial	Área de Influência Indireta	22 J 765529/7327192
Sítio Leiteria 6	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 765892/7328244
Sítio Leiteria 7	Cerâmico	Área de Influência Indireta	22 J 764702/7326440

Tabela 1 (cont.)
Sítios arqueológicos identificados pelo programa

Nome do sítio	Tipo	Área	Coordenada UTM
Sítio Leiteria 8	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 764969/7326112
Sítio Leiteria 9	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 764676/7326260
Sítio Leiteria 10	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 764882/7326032
Sítio Leiteria 11	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 765287/7326459
Sítio Anacleto 2	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 765041/7325898
Sítio Anacleto 3	Cerâmico	Área de Influência Indireta	22 J 765251/7325885
Sítio Cristal 1	Lítico	D.E. Leiteria	22 J 765786/7327045
Sítio Cristal 2	Lítico	D.E. Leiteria	22 J 765909/732695
Sítio Cristal 3	Cerâmico	Área de Influência Indireta	22 J 765931/7326680
Sítio Cristal 4	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 766085/7326777
Sítio Cristal 5	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 765940/7326541
Sítio Velho 1	Multicomponencial	Área de Influência Indireta	22 J 764666/7324030
Sítio Velho 2	Cerâmico	Área de Influência Indireta	22 J 765254/7324635
Sítio Velho 3	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 764730/7324045
Sítio Limeira 1	Lítico	Mina Limeira	22 J 772711/7324330
Sítio Limeira 2	Lítico	Mina Limeira	22 J 772504/7324412
Sítio Limeira 3	Histórico	Mina Limeira	22 J 771445/7324530
Sítio Barro Branco 1	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768420/7322684
Sítio Barro Branco 2	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768281/7322814
Sítio Barro Branco 3	Lítico a	D.E. Barro Branco	22 J 768421/7322479
Sítio Barro Branco 4	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768628/7322818
Sítio Barro Branco 5	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 767659/7323182
Sítio Barro Branco 6	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 767549/7323294
Sítio Barro Branco 7	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 769211/ 7321987
Sítio Barro Branco 8	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768731/7323195
Sítio Barro Branco 9	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768587/7323278
Sítio Barro Branco 10	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768406/7322369
Sítio Barro Branco 11	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 768129/7322675
Sítio Barro Branco 12	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 768476/732323
Sítio Barro Branco 13	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 767696/7322292
Sítio Barro Branco 14	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768299/7322661
Sítio Barro Branco 15	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768526/7322502
Sítio Barro Branco 16	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768558/7322723
Sítio Barro Branco 17	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 768562/7322784
Sítio Barro Branco 18	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 768562/7323033
Sítio Barro Branco 19	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768590/7322370
Sítio Barro Branco 20	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768600/7322256
Sítio Barro Branco 21	Lítico	D.E. Barro Branco	22 J 768551/7322197
Sítio Barro Branco 22	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 768368/7322982
Sítio Barro Branco 23	Lítico	Área de Influência Indireta	22 J 768108/7322235
Sítio Cachoeira 1	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 769247/7324679
Sítio Cachoeira 3	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 768461/7324017
Sítio Cachoeira 4	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 768549/7323965
Sítio Ribeirão Velho	Histórico	Área de Influência Indireta	22 J 767636/7323221

- Horizonte paleoíndio, com poucos artefatos e lascas encontrados de *transient settlers*, com presença de pontas projéteis rabo de peixe planas lascadas por pressão, e pontas de lança com até 20cm de comprimento, encontradas em profundidade superior a 150cm, sempre associados ao entorno de antigas lagunas, hoje banhados de fundos de vale altos. Esses sítios têm uma área potencial entre os bairros dos Caetanos, Caetanos Velhos e dos Cândidos, onde uma ponta de lança foi encontrada a 2,5m de profundidade por habitante local. Estes sítios devem ser mais raros e profundos e estudos ulteriores de reconstrução ambiental para as paleolagoas da área apontarão para zonas potenciais de ocorrência. Em outros municípios pontas de lança também foram encontradas, sobretudo em Iporanga

e em Guapiara, conforme informações de arqueólogos e colecionistas. Foi denominado "horizonte 1".

- Horizonte caçador-coletor antigo, caracterizado pela presença de pontas-projéteis e lascas de acabamento, predominantemente de sílex de boa qualidade, além da presença de artefatos de quartzo hialino, em profundidades superiores a 50cm chegando aos 80cm, situados sempre em topos de colinas e alinhados com outros sítios em situações de implantação muito similares, apontando para uma provável integração em um mesmo período (**Foto**). Foi denominado "horizonte 2". As indústrias destes horizontes (2 e 3) não apresentam mudanças significativas se estudadas tecnologicamente ou mesmo em sua va-



Horizonte 2: vestígios líticos do sítio Barro Branco 21, (Foto: Gérson Levi Méndes).

riabilidade isocréstica (como apontado por Schmidt Dias 2003 para as indústrias Umbu do extremo nordeste do Rio Grande do Sul, que indica uma continuidade da organização social tecnológica irreal entre os conjuntos artefatuais). Contudo, as mudanças são percebidas quando estudadas num contexto regional amplo de sistema de povoamento e percebidas articuladamente em vales e microbacias hidrográficas (Moraes 2000), pois apontam para as diversas respostas que um mesmo sistema de eventos e povoamento utilizou-se para responder às necessidades econômicas e sociais locais, criando-se um diálogo permanente com seu território móvel (Politis & Cárdenas 2000). Delineiam-se, assim, as escolhas de implantação dos assentamentos para paisagens com fisionomias geomorfoclimáticas diversas e que tendem a se particularizar de

vale para vale, cada qual, atualmente, com microclimas e ocorrências de espécies endêmicas próprias, apontando para um mosaico vegetacional complexo e alternado, como indicam as manchas de cerrado em áreas próximas, a presença de araucárias em fundo de vale onde o lençol freático está mais alto e a recente formação da floresta tropical úmida, a Mata Atlântica. Para este horizonte tem-se a data de 5.030 \pm 50 BP (calibradas em 5.920 a 5.660 BP, Laboratório Beta Analytic Inc, amostra 207853).

- Horizonte caçador-coletor recente, caracterizado pela presença de pontas projetéis e lascas de acabamento, predominantemente de quartzo e calcário silicificado (**Foto**). A maior parte dos sítios arqueológicos desse projeto está associada a esse horizonte. Em todos os



Horizonte 3: Vestígios do Barro Branco 14, camada 1, (Foto: Gérson Levi Mendes).

seus sítios as pontas projéteis apresentaram sinais de reavivamento intenso de matérias-primas como o sílex, apontando para a provável escassez ou esgotamento dessa matéria-prima. Os sítios estão distribuídos por toda a área entre o bairro rural do Assentamento, quase nos divisores de água entre as bacias do Paranapanema e do Ribeira de Iguape, e se estende até as proximidades dos bairros Lagoa de Cima, Cristal, Pêssego e Capoeira Alta, bem como nas imediações de Ribeirão Grande, podendo constar no planalto de Capão Bonito. Formam um território nucleiforme caçador-coletor diferente daquele encontrado no vale do Ribeira de Iguape. Estão situados entre 15 a 40cm de profundidade, de acordo com as diversas condições geomorfológicas locais. Foi denominado "horizonte 3". Para este horizonte tem-se a data de 1.010 +/- 50 BP (calibradas em 950 a 750 BP, Laboratório Beta Analytic Inc, amostra 207852).

- Horizonte de grupos ceramistas cultivadores, caracterizado pela presença de sítios arqueológicos implantados nas porções mais abertas dos vales, concentrando-se, sobretudo, entre os bairros rurais Barreiro Cabral e Pereira em direção aos terrenos suaves próximos à atual cidade de Ribeirão Grande e nos bairros Alto Rodrigues e Mata-a-Dentro, Nunes e Ferreiras, em direção ao limite com o município de Capão Bonito, a oeste. A presença destes grupos nos vales do Barro Branco e Ouro Fino é mais tardia e ocorre após o abandono dos sítios pelos antigos habitantes caçadores-coletores, como indicam os estudos de todos os perfis estratigráficos de sítios escavados. Foi denominado "horizonte 4". Os vestígios cerâmicos encontrados no vale do Barro Branco, de longe o mais conservado e com condições ideais para escavação, apresentam um intervalo de 10 a 20cm com o horizonte caçador-coletor. Assim, antes de haver uma continuidade entre esses horizontes 3 e 4, há um silêncio de 15 a

20cm de solo que sugere a existência de um período de abandono da região, seja porque os grupos caçadores-coletores entraram em contato com populações agricultoras e, assim, mantiveram relações com os mesmos de tal forma que se sedentarizaram no planalto ou no vale do Ribeira de Iguape, seja porque deveriam estar em confronto com esses grupos agricultores que já habitavam o vale do Ribeira de Iguape e o planalto paulista nas cercanias de Capão Bonito e Alto dos Rodrigues em Ribeirão Grande, e que se restringiam cada vez mais para um recuo de seu território nuclear. Os sítios mais recentes dos grupos caçadores-coletores devem corresponder àqueles mais próximos aos divisores d'água da Serra dos Agudos e entre os Parques Carlos Botelho e Intervalos. De qualquer forma, entre esses dois períodos estamos tratando do final da presença de caçadores-coletores nesta região em data posterior àquela detectada pelo projeto Gasbol (De Blasis 2000), ou seja, uma possibilidade muito grande da presença de sítios mais recentes de 800 anos AP. De fato, para este horizonte tem-se a data de 150 +/- 40 BP (calibradas em 280 a 0 BP, ou ainda, de 1670 a 1950 A.D., Laboratório Beta Analytic Inc, amostra 207850).

- Horizonte histórico, correspondente ao ciclo da mineração do ouro de aluvião que deslocou habitantes dos arraiais dos médio e alto curso dos afluentes do Ribeira de Iguape em direção às nascentes e à bacia do alto Paranapanema. Ocorreu a partir da segunda metade do século XVII e se prolongou até o terceiro quartel do século XIX. Foi denominado "horizonte 5". No que se refere aos registros arqueológicos, os sítios Cristal 3, 5 e Anacleto 3 e 4 apontam para uma provável relação entre a antiga população ceramista indígena e estes primeiros colonos que aí se estabeleceram por volta do século XVII (uma pederneira de produção local foi encontrada associada

a fragmentos de cerâmica arqueológica). Trata-se, nesse caso, de colonos associados aos prováveis arraiais dos Campos de Guapiara ou de Apiai-mirim, frutos de uma situação colonial de mescla entre portugueses e índios Kaingang do vale do Ribeira de Iguape, pressupondo a relação etnográfica com estes grupos (Robrahn 1989). Contudo, com a origem da Freguesia-Velha pouco dessa ocupação mais esparsa foi aglutinada nos pequenos povoados intermontanos e uma reconstrução documental que os relacione ao período de construção das estruturas minerárias conhecidas como “encanados” e às diversas cavas de prospecção mineral presentes na área, ainda depende de estudo histórico mais detalhado e é discutido mais adiante.

- Horizonte contemporâneo, correspondente à ocupação rural dos vales do Barro Branco, Cristal e Limeira. No primeiro vale a ocupação cabocla é relativamente recente, resultante da migração de tradicionais habitantes da Freguesia-Velha ainda na década de 1970, provenientes, em boa parte, do bairro rural dos Caetanos Velhos e outros bairros mais interiorizados. O povoado da Freguesia Velha é o berço do povoamento das áreas entre Ribeirão Grande e Capão Bonito, e seus antepassados eram provenientes do vale do Ribeira de Iguape, sobretudo dos arraiais encontrados no terceiro campo de Guapiara, do Apiai-mirim e dos arraiais nas proximidades da Serra da Samambaia, Guapiara. Foi denominado “horizonte 6”.

Hoje e antes: a herança cultural da comunidade de Barro Branco¹

A participação da comunidade do Barro Branco, bairro rural localizado no município

de Ribeirão Grande, nas pesquisas de levantamento arqueológico criou um vínculo que, inicialmente tímido frente à reclusão das famílias em suas casas e atividades agrícolas e pastoris, foram dando lugar, devido ao longo período de campo, assim como estratégias selecionadas para acessar essa ‘cultura reclusa’, a uma relação de curiosidade e descobertas tanto da parte dos pesquisadores quanto dos moradores: o que estavam fazendo atrás de ‘lugares dos antigos’ (da parte deles) e como podiam manter uma série de tradições frente à expansão da cultura introduzida recentemente pela mídia nas casas de pau-a-pique do Barro Branco? (de nossa parte).

As lendas, as histórias das famílias, os segredos do sertão, das árvores e plantas, dos diversos animais, os ‘causos’ e o registro material da presença dos antigos, índios e jesuítas e os “encanados”² foram passando de geração em geração.

O estudo da paisagem e das relações que os antigos habitantes mantinham com seu espaço podem ser acessadas de uma maneira extraordinariamente rica através do estudo dos diversos níveis de relações que as comunidades tradicionais locais mantêm com o espaço atual. Herdeiras de um espaço, com o qual interagem constantemente, a população do Barro Branco mantém as relações que seus antepassados mantinham com a Freguesia-Velha (uma das mais antigas comunidades do Alto Paranapanema) e com os vales intermontanos entre a Serra dos Maciéis e a Serra do Ouro Fino.

Para perceber quais são as diversas intensidades das continuidades indígenas ou coloniais nas relações atuais com o meio e com o simbólico em que vivem os tradicionais moradores do Barro Branco, pesquisas de etnobotânica, cultura imaterial, do universo feminino, infantil e das técnicas construtivas foram postas em prática, tendo, como

(1) Capítulo de relatório originalmente redigido por Cintia Bendazzoli.

(2) Estrutura histórica relacionada à exploração aurífera em cursos fluviais.

objetivo último, o resgate cultural, a valorização das identidades e a preservação de seus marcos ancestrais.

As pesquisas revelam elementos de continuidade da cultura indígena (técnicas de trançado na produção de cestos, áreas de captação de argila e espécies vegetais, técnicas construtivas, técnica de preparo do campo para o roçado) que encontram analogias em modelos indígenas antigos e atuais de apropriação do espaço, assim como elementos de ruptura e de conformidade com os costumes coloniais (festas religiosas, brincadeiras entre as crianças, etc.).

Este conjunto de fatores acabou por definir a própria missão do Programa Arqueológico Mina Limeira: reconstituir o passado através de sua articulação com o presente, permitindo contribuir para a educação, coesão da comunidade, lazer e desenvolvimento econômico regional, de acordo com o moderno conceito de sustentabilidade social.

E isto ocorreu de diferentes maneiras: no reconhecimento e inclusão de suas formas de viver no que se define como "patrimônio arquitetônico" da região; na inclusão de seus depoimentos e opiniões sobre o que considerar patrimônio, o que preservar, o que é significativo; e na busca de vestígios do elemento africano em uma atividade tradicionalmente relacionada ao colonizador branco europeu: a mineração.

Assim, não se buscou registrar apenas os vestígios físicos da história regional comemorados e consagrados pela história oficial, mas trazer a representação dos cidadãos comuns na formação e transformação desta história. Desta maneira, buscou-se mapear os bens tangíveis e intangíveis, materiais e imateriais, que constituíssem elos de ligação da comunidade com o passado, reconhecidos enquanto partes de sua herança histórica e cultural.

O texto que se segue traz alguns exemplos deste trabalho, onde a comunidade desenvolveu papel central no "resgate" de seus elementos identitários, de seus registros históricos e tradicionais que, somados àqueles tão

mais antigos (as "vestígios de bugre"), completam o ciclo de experiências humanas desenvolvidas em um mesmo espaço geográfico compartilhado, resultando na atual paisagem cultural do Barro Branco. Buscando fornecer uma visão da abordagem do presente Programa, selecionou-se um item de pesquisa para cada tipo de patrimônio: técnicas construtivas para o patrimônio material, e histórias do bairro Barro Branco, contadas pela própria comunidade, no que se refere ao patrimônio imaterial, conforme texto que se segue.

Técnicas construtivas

Fazem parte do patrimônio histórico cultural da comunidade do Barro Branco as unidades típicas de moradia e os padrões de construção das mesmas. Não são poucas as edificações existentes que ainda seguem os modos e padrões utilizados há muitos anos. As casas de barro, ou de pau-a-pique, ainda são maioria no bairro. Entretanto, já é possível encontrar alguns outros tipos de construções em alvenaria ou madeira.

As residências são simples, com poucos e pequenos cômodos, a rede elétrica não é presente em boa parte das residências. Sem exceção pode-se afirmar que quando há a construção de banheiros, estes são feitos fora da casa, e não foi encontrado em nenhuma delas a presença de chuveiros, pois os banhos são feitos nos rios, córregos ou açudes. Algumas ainda apresentam uma separação entre os cômodos de estar e a cozinha com forno à lenha. Nas maiores e mais tradicionais propriedades são erguidos paióis para o armazenamento da produção e/ou de bens e utensílios para a prática agrícola. É praticamente comum em todas as moradias a construção de galinheiros, que em geral se assemelham a poleiros erguidos a aproximadamente 1 metro do solo onde grandes cestos são colocados de forma tombada, com a abertura voltada para frente, de modo que as aves possam entrar e sair.

Em algumas propriedades, mas em menor número, é presente também a construção de currais para porcos, denominados

localmente de “mangueiras”. Nos últimos 15 anos as propriedades começaram a abrir um maior número de açudes, objetivando a criação de peixes para consumo próprio. Esta prática se deu principalmente com o auxílio de tratores da Prefeitura de Ribeirão Grande. São quatro os monjolos existentes, sendo um deles de uso comum, localizado na propriedade do senhor Braz Batista Mendes. Dos outros três, um está sem uso, pertencente ao senhor Caetano Mendes de Oliveira, e os outros dois pertencem a proprietários que não residem na comunidade e fazem pouquíssimo ou quase nenhum uso deles.

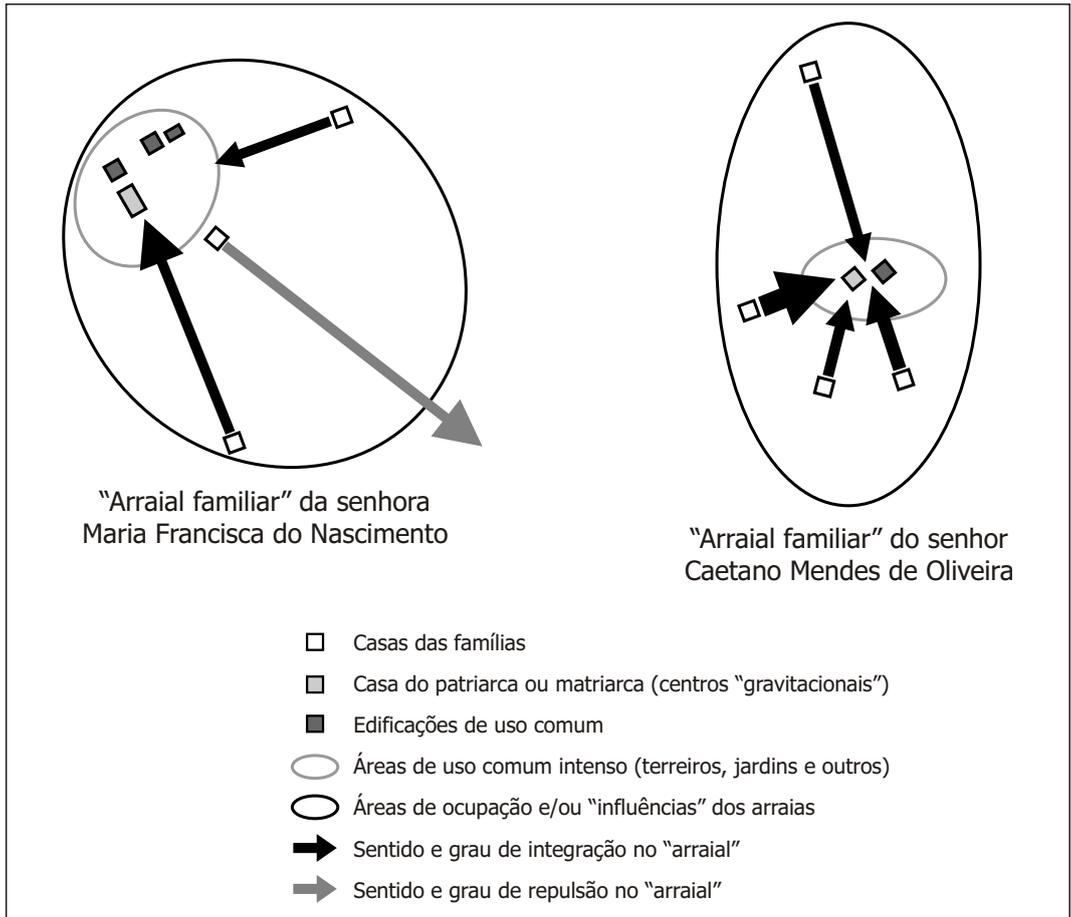
Nas propriedades onde a atividade agrícola de subsistência ainda é preponderante, junto às casas existem os terreiros, áreas abertas onde o feijão colhido passa pelo período de secagem e é batido. A localização das casas é sempre próxima às bicas ou a algum dos córregos ou riachos que cortam o bairro. Geograficamente, o bairro do Barro Branco merece destaque por ser um grande manancial de água, e há uma grande facilidade de obtenção da mesma por parte dos moradores. Junto às casas é comum ver-se pequenos canteiros onde desenvolvem plantios de ervas medicinais.

Nas maiores e mais tradicionais propriedades, precisamente na da senhora Maria Francisca do Nascimento e do senhor Caetano Mendes de Oliveira, a disposição das casas segue modelos antigos, formando verdadeiros “arraiais de famílias” dentro do bairro. Nos dois casos, os mais velhos têm as casas como centros gravitacionais, onde periféricamente os filhos ergueram suas moradias. Em ambos os casos, o da matriarca Maria Francisca do Nascimento e do patriarca Caetano Mendes de Oliveira, os filhos se estabeleceram no entorno, sendo que algumas edificações de uso comum ficam juntas à casa destes centros gravitacionais. O maior terreiro, o maior paiol e plantações de ervas medicinais ficam juntos à casa dos mais velhos. Este exemplo está presente na família da senhora Maria Francisca e do senhor Caetano Mendes, sendo que este ainda possui o monjolo usado por todos os membros da família.

Consideram-se aqui como propriedades tradicionais aquelas formadas pelas famílias mais antigas nos bairros que, como pode-se constatar nos diferentes resultados e relatórios obtidos nos trabalhos de campo, ainda asseguram alguns elementos culturais ainda não eliminados ou reinterpretados. Essas unidades mais tradicionais são as formadas pelos pioneiros na formação do bairro ou seus descendentes diretos. O conceito de maiores propriedades foi adotado a partir das áreas em hectares das propriedades, e não por acaso, as unidades mais tradicionais também constituem algumas das maiores propriedades.

No que se refere aos tipos de construção, o Barro Branco é um bairro que ainda hoje preserva alguns traços culturais antigos, entretanto, a comunidade adquiriu informações e elementos externos que lhe propiciaram uma reinterpretação cultural em diversos elementos, dentre eles os métodos construtivos e os tipos de edificações presentes. Em linhas gerais, temos três tipos de construções no bairro. São eles:

- Casas de barro: é o modelo mais antigo de construção. Praticamente todos os moradores já habitaram neste tipo de residência. Ainda hoje estas casas são maioria no bairro. Comparadas com casas de barro de outros bairros, são as únicas que apresentam reboco feito com barro branco (o mesmo barro que deu nome ao bairro, Barro Branco).
- Casas de madeira: em geral o uso exclusivo de madeira é para paióis, currais e abrigos para monjolo, sendo que algumas poucas casas são feitas deste material.
- Casas de alvenaria: são casas recentes que se diferenciam apenas pelo material construtivo, pois quanto à forma seguem ainda os padrões de edificação das casas de barro.
- Outros tipos de construções: há algumas pouquíssimas casas feitas com os mais diferentes materiais que não se encaixam a um padrão único de edificação. São construções precárias que empregam o uso de



Esquema de círculos representativos dos "arraiais familiares". As posições das casas estão de acordo com a localização geográfica encontrada durante as pesquisas em campo. Entretanto, se fosse criada uma figura representando a posição das mesmas unidades familiares considerando a dependência destas unidades em relação aos centros gravitacionais, teríamos outras dimensões e localizações. As áreas de "influências" referem-se as áreas de usos comum e individuais que formam os "arraiais familiares"

lonas, tapetes, restos de madeira e construções. Pertencem exclusivamente a proprietários que não moram no bairro. Os banheiros entram neste grupo por se apresentarem em vários tipos diferentes de propriedade em propriedade.

O texto que se segue traz detalhes referentes às edificações de barro e de madeira, constituindo as mais tradicionais da região.

As construções de barro são quase totalmente restritas apenas às residências, ha-

viendo pouquíssimos celeiros e banheiros com paredes de barro. As casas podem ser divididas em dois modelos: as de um ou dois cômodos e as de três ou mais cômodos. Esta divisão se dá porque as de um ou dois cômodos são ocupadas por pessoas que moram sozinhas, sejam elas viúvas, solteiras ou separadas. No caso das moradias de um único cômodo, quarto e cozinha estão no mesmo espaço; nas de dois cômodos há a divisão entre o espaço de cozinha e o de dormir. Nas famílias constituídas há pelo

menos três cômodos, o quarto dos pais, o quarto dos filhos e uma sala/cozinha, variando de caso para caso.

Em geral os cômodos são pequenos, com um espaço para deslocamento restrito e poucos móveis. As paredes de divisão chegam a uma altura média 1,90m, no máximo 2m e nunca alcançam o forro ou telhado. Não há portas internas e cortinas são utilizadas como forma de separação dos cômodos. As portas de entrada não possuem trincos e são fechadas por fora com o uso de correntes e cadeados e, por dentro, com tramelas. São casas pouco iluminadas em virtude das pequenas janelas que recebem, sempre de formato quadrado com no máximo 50 centímetros de lado, sendo que, em alguns casos, os quartos não têm janelas. Os telhados podem ser de telhas de amianto, zinco ou de cerâmica. Foi encontrada apenas uma casa com cobertura de palha. Há indícios de que esta técnica tinha maior frequência antigamente.

O piso é de terra batida, sem nenhuma cobertura. A cozinha pode ou não ser junto à casa. Algumas casas têm cozinhas com fogões à lenha no interior, outras com fogões a gás. As cozinhas externas são sempre as de fogões à lenha. Ali, sobre os fogões à lenha são colocadas carnes para defumarem, conservando assim o alimento. Nestes casos também, podemos atribuir a baixa luminosidade ou o escurecimento das casas devido à ação da fumaça dos fogões, que pretejam telhados e paredes.

As casas de barro são também feitas em dois tipos, as de barro branco para reboco e as sem barro branco para reboco. O uso do barro branco, na verdade uma composição de solo de granulometria grosseira mais próxima do silte e de cor esbranquiçada presente na área, serve apenas para o reboco das casas, interna e externamente (**Fotos**). Pode-se atribuir que estas são casas típicas da comunidade, não encontradas até o momento em outros lugares. O tal barro branco, por sua granulometria mais grosseira, não se desfaz com facilidade ao longo do tempo através das intempéries climáticas como chuva, sol ou vento. Atribui-se a isso o fato de

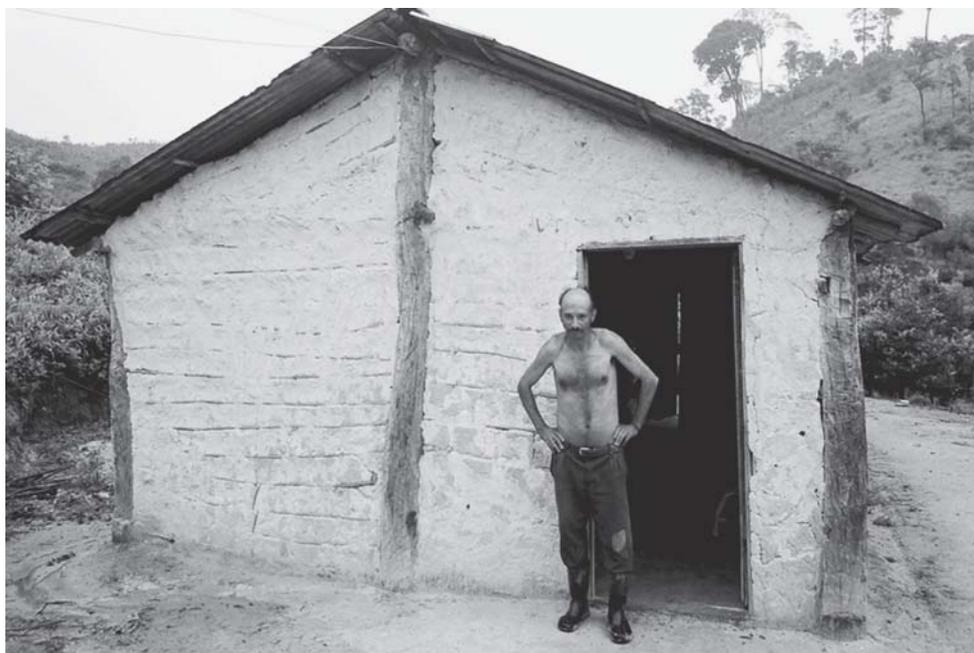
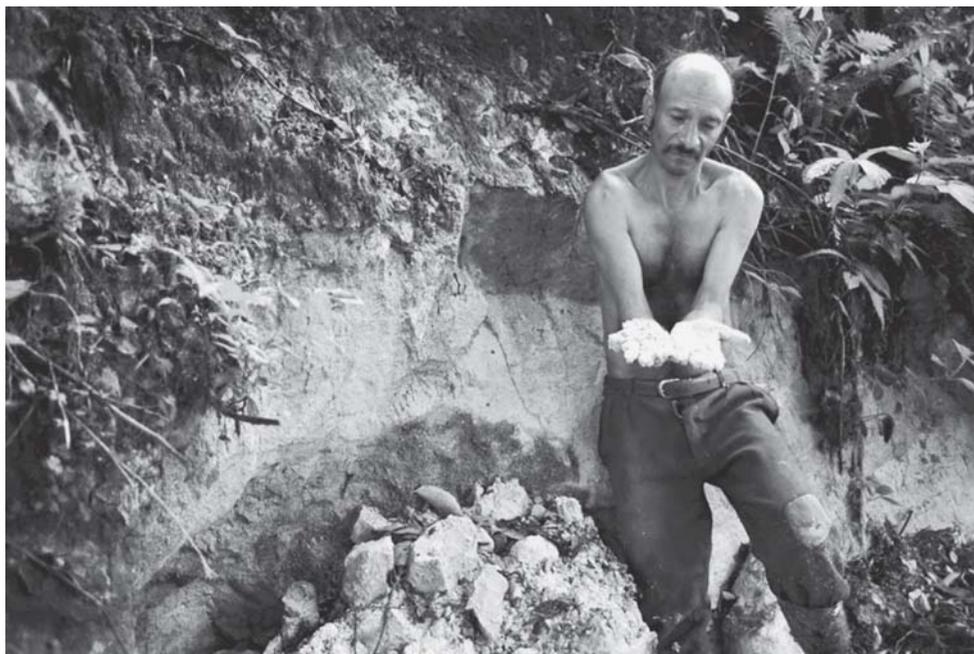
que, quando seco, esse material de granulometria grosseira fica como poros, antes ocupados pela água, maiores que os de barro marrom, dando espaços para as dilatações e contrações resultantes de variações térmicas com maior facilidade, não ocorrendo, assim, fissuras nas paredes.

O barro marrom, por ter uma granulometria mais fina, principalmente de argilas, não apresenta estes espaços porosos internos, sendo mais compactos e desta forma não permitindo os movimentos de dilatação e contração, e que quando exposto aos fatores climáticos criam rachaduras com maior facilidade.

Foi diagnosticado que anteriormente eram feitas vasilhas cerâmicas com o barro branco, entretanto não se pode afirmar o motivo da escolha desse material para a confecção das mesmas, o que se sabe é que esta já foi uma prática comum e que há tempos está em desuso.

De forma geral, a construção de uma casa de barro branco típica se dá da seguinte forma: escolhido o local a ser construída a casa, aplaina-se o terreno de acordo com as dimensões desejadas. Nas fundações, onde são erguidas as paredes, troncos de madeira, chamados de cernes, são cortados em forma retangular cúbica e colocados na base, praticamente enterrados entre 20 a 25 centímetros no solo com apenas a face superior exposta. Estes são os esteios, que podem ser feitos com trocos de nataleiros, canelas, guatambu ou, se forem encontradas, outras madeiras grossas e que resistam ao tempo tanto quanto as citadas. São os "cernes direitos", assim chamados por possuírem um tronco comprido, reto, grosso e resistente ao tempo.

Junto aos esteios, nas quinas e extremidades de paredes, são fixadas no solo de forma perpendicular às colunas ou travas de cerne direito. As travas ou colunas também são grossas, podendo ser cortados de forma retangular ou colocados como troncos brutos, sem tratamento. O diâmetro destas peças varia de 30 a 50 centímetros e podem ser de árvores como a cajarana, o sassafrás, o guatambu, nataleiro ou canela. A altura das colunas ou travas varia



Técnicas construtivas:

A casa de barro branco: este famoso barro, que dá nome ao bairro, é uma argila fina captada localmente nas barrancas, próxima de grotas e córregos. O barro é aplicado na estrutura quadriculada de madeiras e preenchem-nas dando formas às casas, assim como aos fornos tradicionais do alto Paranapanema.

de acordo com a posição em que se encontram, as que estão nas quinas das casas medem menos de 2 metros, e as que chegam ao meio da casa, medem a altura máxima do telhado, no máximo, 2,50 metros.

Com as colunas já prontas são feitos os madeiramentos das paredes sobre os esteios. São as travessas e barrotes, uma verdadeira malha vazada construída predominantemente com madeiras taquara e guapeva, amarrados entre si com o uso de cipó d'alho. A área vazada, que pode ser retangular ou quadrada, varia de dimensão, mas é nela que se aplica a camada estrutural de barro marrom, retirado de algum barranco próximo ou do próprio local em que se ergue a casa. O barro umedecido e pisoteado é colocado entre os buracos vazados e recobre toda o madeiramento da parede. Após esta etapa, com a parede já seca, é aplicada a camada de reboco feito com o barro branco, também umedecido e pisoteado.

Ainda com relação às travessas, que nas paredes são dispostas em linha horizontal, pelo menos três delas são mais grossas e firmes que as demais, em geral de guatambu e guapeva. Duas delas na parte coberta por barro na parede, e uma acima, no limite superior da mesma. Sobre esta travessa superior da parede é que são passados os caibros para a colocação do telhado. A estrutura do telhado é toda feita com caibros e travessas de guatambu ou guapeva, e sobre elas é que são colocadas as telhas de

amianto (brasilite), cerâmica ou palha.

Os moradores atribuem às casas de barro uma característica de vantagem na superação do frio. Segundo eles, as paredes e o piso de terra batida contribuem para uma manutenção do calor gerado pelos fogões à lenha, propiciando uma melhor sensação termal.

Das casas de barro branco, com 3 cômodos ou mais, podemos destacar as propriedades da senhora Maria Francisca do Nascimento, e dos senhores Braz Batista Mendes e Antônio Mendes de Oliveira.

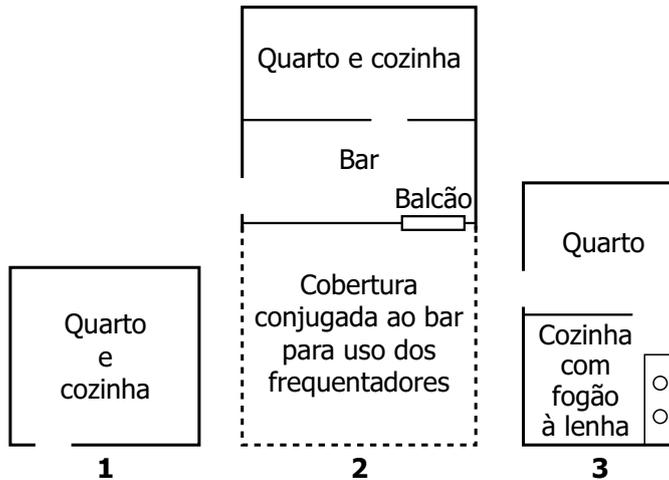
As casas que não recebem o tratamento com o barro branco precisam ser "retocadas" por barro em tempos mais curtos, pois as paredes ressecam e o barro se quebra, deixando exposto o madeiramento e os buracos antes ocupados pelo barro. São casas típicas de barro sem revestimento de barro branco, de um ou dois cômodos a da senhora Tereza Clarinda Vaz, e dos senhores Antônio Jacinto Vaz e Waldomiro José dos Santos, sendo que a deste último é a única encontrada que ainda possui telhado feito com palha.

Apesar de ser mais comum a construção de casas de barro, o senhor Braz Batista Mendes ergueu um paiol com paredes de barro. Os banheiros feitos de barro também são feitos da mesma forma, com acréscimo de piso de madeira, uma vez que estão sobre buraco de fossa.

O tempo médio para construção da casa de barro, descartado o tempo de corte da



Croquis sem escala, apenas para referência de casas de barro branco habitadas por unidades familiares. Respectivamente das famílias do senhor Braz Batista Mendes (1), da senhora Maria Francisca do Nascimento (2) e do senhor Antônio Mendes de Oliveira (3).



Croquis sem escala, apenas para referência de moradias de barro habitadas por um único morador e que não têm reboco de barro branco. Respectivamente da senhora Tereza Clarinda Vaz (1), Antônio Jacinto Vaz (2) e Waldomiro José dos Santos (3).

madeira, é entre quinze a vinte dias, desde que não ocorra nenhum imprevisto climático ou humano que atrapalhe a obra. Ainda hoje as casas de barro são levantadas com auxílio do "puxirão", termo utilizado para designar as atividades realizadas em mutirões de moradores. Durante o "puxirão" para a construção das casas, homens e mulheres realizam os mesmo trabalhos, sendo que as crianças ficam apenas nas etapas de transporte e de amassar o barro com os pés.

Em média, uma casa de barro é habitada por aproximadamente 20 anos, mesmo com todos os reparos e manutenções feitas durante esse período. Passado esse tempo, as casas já apresentam diversos problemas e costumam ser abandonadas para a construção de novas. As casas de barro mais antigas são as da senhora Maria Francisca do Nascimento, com aproximadamente vinte anos e a do senhor Braz Batista Mendes, com dezoito anos, sendo que as colunas e esteios são de datas mais antigas pois eram pertencentes à casa de seu pai.

Já as edificações feitas unicamente de madeira são em maior parte paióis, currais, abrigos para monjolos e alguns banheiros.

Poucas são as casas feitas exclusivamente de madeira. Os paióis de madeira são feitos da mesma forma que as casas de barro e com o mesmo material, distinguindo-se pelo fato de que os paióis não têm janelas, divisões internas ou paredes barro. No caso dos paióis as paredes são todas vazadas, faltando exatamente o barro para revestir as mesmas.

Os abrigos de monjolos geralmente se assemelham aos paióis (**Figuras 3 e 4, fotos**). Considerando todas as construções, trata-se de obras mais modestas que não visam a moradia, e sim para o uso conjugado à atividade na lavoura.

O senhor Jaime Olívio de Macedo, proprietário que vai esporadicamente ao bairro do Barro Branco, possui dois exemplos de casa. A residência oficial é feita com diferentes materiais, e uma segunda moradia, não habitada, construída somente com tábuas e pedaços de troncos de nataleiros, guatambus e canela.

O senhor Maximiliano Wilson Godói, que veio para o bairro nos últimos dez anos, possui a única casa de madeira habitada e que junto à mesma possui um bar. No caso do senhor Maximiliano sua propriedade possui um açude e também uma construção de madeira

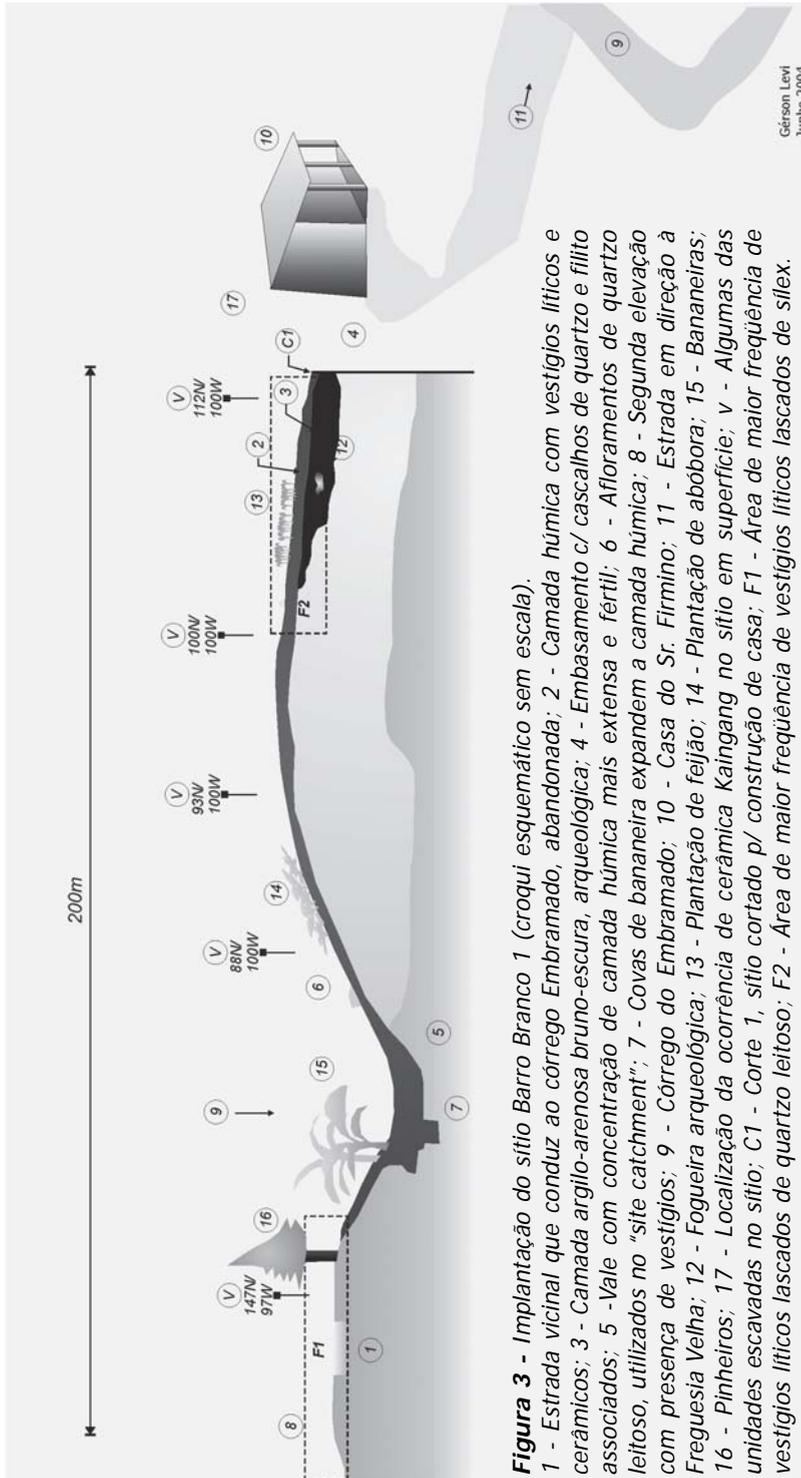


Figura 3 - Implantação do sítio Barro Branco 1 (croqui esquemático sem escala).
1 - Estrada vicinal que conduz ao córrego Embramado, abandonada; 2 - Camada húmica com vestígios líticos e cerâmicos; 3 - Camada argilo-arenosa bruno-escura, arqueológica; 4 - Embasamento c/ cascalhos de quartzo e filito associados; 5 - Vale com concentração de camada húmica mais extensa e fértil; 6 - Afloramentos de quartzo leitoso, utilizados no "site catchment"; 7 - Covas de bananeira expandem a camada húmica; 8 - Segunda elevação com presença de vestígios; 9 - Córrego do Embramado; 10 - Casa do Sr. Firmino; 11 - Estrada em direção à Freguesia Velha; 12 - Fogueira arqueológica; 13 - Plantação de feijão; 14 - Plantação de abóbora; 15 - Bananeiras; 16 - Pinheiros; 17 - Localização da ocorrência de cerâmica Kaingang no sítio em superfície; v - Algumas das unidades escavadas no sítio; C1 - Corte 1, sítio cortado p/ construção de casa; F1 - Área de maior frequência de vestígios líticos lascados de quartzo leitoso; F2 - Área de maior frequência de vestígios líticos lascados de sílex.

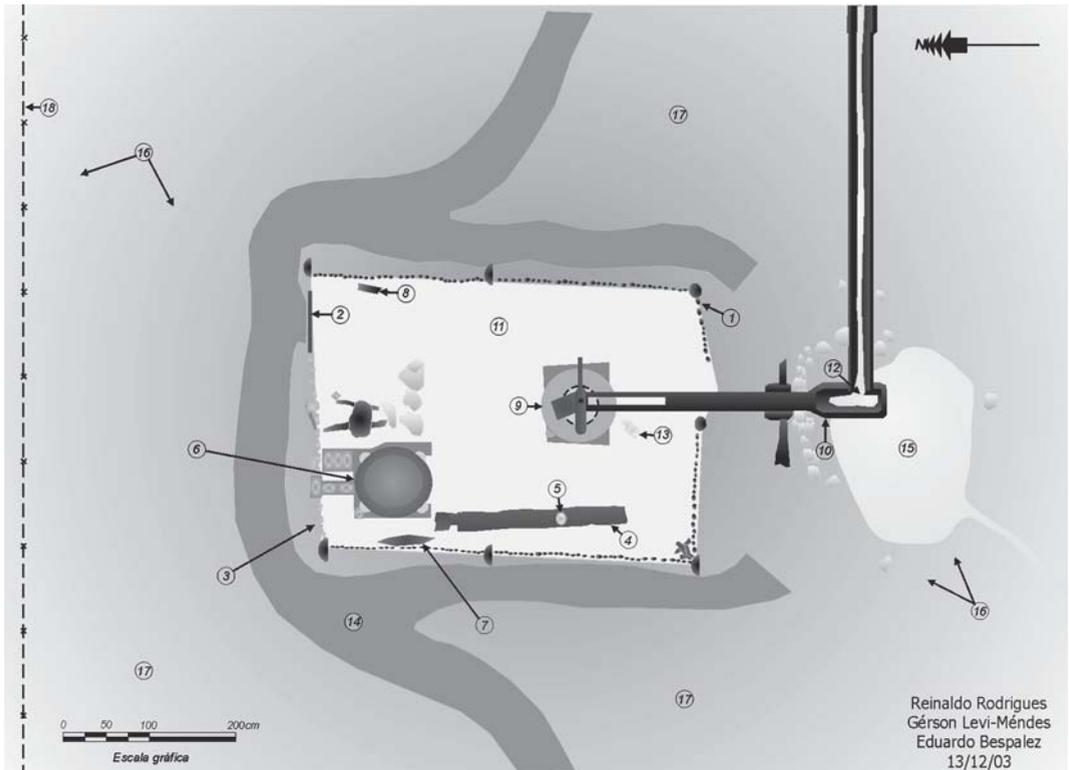


Figura 4 - Croqui do Monjolo Coletivo da Comunidade Barro Branco. 1 - Esteios de sustentação, ripas e varetas da parede da estrutura coberta do monjolo; 2 - Entrada/ porta do interior da estrutura coberta do monjolo; 3 - Telhas, tijolos, fragmentos de blocos rochosos, terra e outros materiais utilizados na sustentação da parede da estrutura coberta; 4 - Resto de suporte danificado de monjolo; 5 - Prato de ágata sobre o suporte danificado de monjolo; 6 - Forno/assador de farinha de milho; 7 - Assador de ferro encostado na parede da estrutura coberta do monjolo; 8 - Madeira usada para manter aberta a porta da estrutura coberta do monjolo; 9 - Pilão tampado com um assador de ferro, uma tábua e um socador de monjolo, com a concavidade do pilão e o suporte do monjolo representado pelos tracejados; 10 - Suporte do monjolo; 11 - Chão de terra batida; 12 - Bica d'água que movimentam o monjolo; 13 - Galão branco de plástico; 14 - Trilhas (caminhos) em torno do monjolo; 15 - Limites da poça e canal de drenagem artificial cujas águas movimentam o monjolo; 16 - Barrancos nos limites da área escavada e terraplanada na encosta em que construiu-se o monjolo; 17 - Vegetação de pequeno porte (gramíneas, samambaias, etc) em torno do monjolo; 18 - Cerca de arame farpado.

para seus filhos, muito semelhante a uma palafita, sem paredes, próximo ao açude.

Estas casas de madeira possuem fachadas uniformes, com portas e janelas do mesmo material. Suas divisões internas seguem os mesmos padrões existentes em outros tipos de construções habitacionais do bairro. O emprego delas é restrito por não permiti-

rem a construção de fogões à lenha no interior da casa, devido ao risco de incêndio.

As **Tabelas 2 e 3**, abaixo, mostram as edificação cadastrados no bairro do Barro Branco (unidades, tipos, sub-tipos e características marcantes), trazendo o conhecimento construtivo e os padrões de ocupação das comunidades atuais ali residentes.

Tabela 2
Unidades construtivas no bairro do Barro Branco

UNIDADE	TIPO	SUBTIPO	CARACTERÍSTICA MARCANTE
Casa	Barro	Marrom	Casas com maior incidência de rachaduras nas paredes internas e externas.
		Branco	Casas exclusivamente presentes no Bairro do Barro Branco. O uso desse tipo de barro no reboco impede as rachaduras nas paredes por influências climáticas
		1 ou 2 cômodos	Em geral habitam estas casas indivíduos que vivem sozinhos, sejam solteiros, separados ou viúvos.
Casa	Alvenaria	3 ou mais cômodos	Habitados por unidades familiares constituídas por pais e filhos ainda jovens.
			Seguem os padrões de divisões internas e semelhantes aos das casas de barro, diferenciam por não possuírem cozinhas com fogões à lenha no seu interior.
			São poucas as casas de madeira no bairro em virtude dos riscos de incêndios que podem ocorrer com o uso de fogões à lenha.
Paio	Madeira		Em geral são de novos proprietários de terra que não habitam a comunidade. São construídas com os mais diversos materiais (lonas, tapetes, madeiras, restos de construção e outros).
			O tipo mais comum, seu método de construção é semelhante ao das casas de barro.
			Foi identificado apenas um paio com revestimento de barro nas paredes. Seu uso não é comum no bairro.
Curral	Madeira		São denominados de “mangueiras”. Nem todas as propriedades possuem currais.
			São os tipos mais comuns construídos no bairro.
			Construídos próximos às casas de madeira e em algumas casas de barro.
Banheiro	Materiais diversos		Possuem revestimento das paredes de lona, papelões, tapetes ou esteiras de taquara, ou então de qualquer outro material que não seja barro, madeira ou tijolo.
			Abrigo para alimentação de animais ou de monjolo.
			Igreja de Santo Antônio, ainda inacabada.
Outros	Outros		Açudes

OBS: Com relação às casas de barro, sua classificação se dá em dois subtipos, envolvendo o tipo de barro utilizado e o número de cômodos existentes.

Tabela 3
Proprietários e construções no bairro do Barro Branco

Proprietário	Ano de construção [estimado] (confirmado)	Características e/ou observações
Adão Clarindo Vaz	[posterior a 1995]	Casa de alvenaria, tida como a primeira a obter rede elétrica e antena parabólica.
Alsendino Louzada Melo	[sem data certa pois o proprietário não reside no local, provavelmente erguida após 1992]	Casa feita com restos de materiais construtivos, que não objetivava residência fixa.
Ana Maria de Oliveira Ferreira	[1998]	Casa de alvenaria.
Antônio Favaro	[sem data certa, provavelmente erguida após 1992]	Casa de barro marrom.
Antônio Jacinto Vaz	(1998)	Dois cômodos, um deles quarto e cozinha e outro como bar.
Antônio Mendes de Oliveira	(1999)	É a única de barro branco dos membros da família do senhor Caetano Mendes de Oliveira.
Antônio Souto de Assunção	[sem data certa pois o proprietário não reside no local, provavelmente erguida após 1992]	Casa de alvenaria.
Braz Batista Mendes	(1986) (2003)	São duas residências, a casa de barro branco, mais antiga, e a casa de alvenaria, mais recente.
Braz Franco da Silva	[sem data certa pois o proprietário não reside no local]	Casa de barro marrom, supõe-se que tida como abandonada.
Caetano Mendes de Oliveira	(1997)	Foi a primeira casa de alvenaria feita por alguém da família de Caetano Mendes de Oliveira, está situada onde hoje se sabe da existência de um sítio arqueológico.
Celina Mendes de Oliveira Cruz	(1998)	Casa de alvenaria
Eduardo Clarindo Vaz	—	Segundo o relatório sócio-econômico há a existência de tal residência, porém ela não foi encontrada.
Eliseu Ursulino de Moura	sem data certa pois o proprietário não reside no local]	Casa de barro marrom

Tabela 3 (cont.)
Proprietários e construções no bairro do Barro Branco

Proprietário	Ano de construção [estimado] (confirmado)	Características e/ou observações
Gilmar Favaro	—	Segundo o relatório sócio-econômico há a existência de tal residência, porém ela não foi encontrada.
Gumercindo Gonçalves Ribeiro	(2003)	Obra de alvenaria inacabada, com muito a se fazer, porém, abandonada.
Jaci Raimundo da Silva	(2003)	Casa de barro marrom, com algumas partes cobertas por lonas.
Jacinto Martiniano da Costa	[sem data certa pois o proprietário não reside no local]	Casa de barro marrom.
Jaime Olívio de Macedo	[sem data certa pois o proprietário não reside no local, provavelmente erguida após 1992]	Casas de madeira ou de restos de matérias construtivos.
João Francisco Mendes	—	Segundo o relatório sócio-econômico há a existência de tal residência, porém ela não foi encontrada. Sabe-se que ele possui algumas poucas tarefas no bairro e uma propriedade maior, com casa, no bairro de Ouro Fino.
João Rodrigues do Nascimento	[sem data certa]	Casa de barro com banheiro revestido com material de cestarias.
Luiz Mendes de Oliveira	(1999)	Casa de alvenaria
Maria Aparecida Vaz de Oliveira	(1999)	Casa de alvenaria
Maria Assunção	—	Não foi possível obter nenhuma informação a respeito.
Maria dos Santos Ferreira	—	Não foi possível obter nenhuma informação a respeito.
Maria Francisca do Nascimento	[1990]	É uma das casas de barro mais antigas do bairro, porém as datas divergem sobre a construção, e as informações são mais próximas do ano de 1990.
Maximiliano Wilson de Godói	[sem data certa, provavelmente erguida após 1995]	Casa de madeira que também funcionava como estabelecimento comercial.

Tabela 3 (cont.)
Proprietários e construções no bairro do Barro Branco

Proprietário	Ano de construção [estimado] (confirmado)	Características e/ou observações
Miguel Vaz de Andrade	[1992]	Casa de barro marrom, uma das primeiras a ser erguida pelos novos moradores do bairro.
Milton César Vaz	—	Segundo o relatório sócio-econômico há a existência de tal residência, porém ela não foi encontrada.
Milton Souto da Silva	—	Segundo o relatório sócio-econômico há a existência de tal residência, porém ela não foi encontrada.
Moisés Messias da Silva	[1992]	Casa de barro marrom
Octacilio dos Santos		Segundo o relatório sócio-econômico há a existência de tal residência, porém ela não foi encontrada.
Orlando Fávero	—	Segundo o relatório sócio-econômico há a existência de tal residência, porém ela não foi encontrada.
Tereza Clarinda Vaz	(2003)	Casa de barro marrom, a última a ser erguida no bairro, no primeiro bimestre de 2003.
Virgílio Marcos da Cruz	[sem data certa pois o proprietário não reside no local]	Casa de barro marrom.
Waldomiro José dos Santos	(2000)	É a única de barro marrom que ainda utiliza cobertura de palhas sobre a casa, uma das paredes caiu durante as fortes chuvas que ocorreram no início de janeiro de 2004

OBS: A tabela acima foi elaborada com dados obtidos nas pesquisas de campo, na consulta do relatório sócio-econômico e dos mapas elaborados e fornecidos pela Companhia de Cimento Ribeirão Grande. Das 44 famílias registradas pelos relatórios sócio-econômicos, 9 deles não possuem casas, das 35 restantes, 24 delas foram identificadas de forma preliminar durante as etapas de campo, sendo que destas, 18 tiveram uma abordagem mais aprofundada. Há um total de 11 unidades familiares que pelos relatórios sócio-econômicos possuem residências, entretanto, as informações obtidas em campo, confrontadas com os dados dos relatórios, são insuficientes para afirmar a existência ou não das residências, exceto por dois únicos casos identificados através dos mapas.

É latente a percepção de que os indivíduos que possuem propriedades no bairro e não o habitam tendem a construir residências que fogem aos padrões culturais locais. As casas feitas com restos de obras e materiais diversos sinalizam mais para uma ocupação descompromissada com o local e seus hábitos culturais do que unicamente um fator de pobreza. São casas que não representam o patrimônio local e que descaracterizam o bairro.

História de Barro Branco

A comunidade do Barro Branco é composta por cinco núcleos de uma mesma raiz familiar, havendo, no entanto, dois núcleos principais, cujos membros tem uma relação de parentesco muito próxima e convivem numa mesma área, com pouca distância entre uma residência e outra. Mas como teve início esse arraial? Soubemos que os primeiros a se instalarem naquela região foram os pais das duas senhoras mais velhas da comunidade. Não foi precisada a data, mas provavelmente por volta da década de 1930 havia uma fazenda exatamente naquelas terras que empregava mão de obra para trabalhar nas lavouras. Os moradores mais antigos costumam se referir à fazenda de “um japonês” que era o proprietário. Foi então que vieram Antonio Rodrigo do Nascimento, nascido em Bairro Maciel, e Pedra Paulina do Nascimento, nascida em Ouro Fino.³

Eles se casaram e os filhos começaram a nascer. Moravam em Sumidouro e apenas trabalhavam na fazenda nessa época, segundo informação de uma das filhas ainda viva. Com o tempo, a fazenda foi desativada e o casal foi convidado a tomar conta das terras tendo permissão para plantar e morar na propriedade. Segundo informação de Dona Lourdes, uma das filhas do

casal, eles ganharam a terra como doação dos proprietários da fazenda e passaram a viver de subsistência. Plantavam para comer e o que sobrava era vendido nas comunidades vizinhas. Possuíam também criação de galinhas, porcos e algum gado para abastecer a casa de leite e eventualmente de carne. Os filhos desse casal nasceram em parte no Sumidouro e em parte no Barro Branco, sendo ao todo cinco: Celestino, Maria, Lourdes, Ana e Ervelina, e é parte deles e de seus descendentes que hoje nos contam a sua história.

Dos cinco filhos de Antonio e Pedra Paulina duas filhas estão vivas e cada uma é a matriz de um núcleo de organização familiar, ou seja, em torno delas criou-se uma relação estreita de laços de parentesco, formando dois núcleos principais dentro do Barro Branco. Aquela comunidade se organizou em família, porém não há um núcleo só, como talvez tenha havido quando o patriarca ou a matriarca da família estavam vivos. Hoje em dia a comunidade se divide tênueamente entre dois núcleos familiares, um deles centralizado na figura de Dona Maria e outro na de Dona Lourdes. Para facilitar a compreensão da teia de relações que abrange esta comunidade, trataremos de um núcleo de cada vez, mas deve ser ressaltado que essa separação é exclusivamente metodológica e não um reflexo da realidade dessas pessoas.

Núcleo Dona Lourdes

A Dona Lourdes é uma senhora de 63 anos de idade casada com Seu Caetano e mãe de sete filhos Antonio, Senhorinha, Roque, Luis, Ana, Celina e Dirceu. Como alguns dos filhos e seus descendentes não moram mais em Barro Branco, concentramos o trabalho no perfil feminino e infantil dos moradores que ainda residem lá.

Dos filhos de Dona Lourdes, Senhorinha, Roque e Luis se mudaram e hoje vivem com as famílias em outros bairros próximos. Dirceu morreu com um ano de

(3) Informação oral obtida através de entrevista com Dona Lourdes e Dona Maria.

idade de tosse comprida. Portanto, o trabalho se concentrou nas famílias de Antonio, Ana e Celina. Mas primeiramente trataremos da figura ao redor da qual todas as demais pessoas vivem, que é a Dona Lourdes.

Dona Lourdes acha que nasceu no Sumidouro, não sabe ao certo (**Foto**). Desde pequena, por volta dos 10 anos de idade, começou a ajudar o pai na lavoura, assim como todos os outros irmãos, e quando tinha 13 anos mudou-se com a família para o Barro Branco. Aos 15 anos se casou e teve seis filhos, hoje tem 24 netos e 4 bisnetos. Mesmo depois de casada Dona Lourdes continuou a trabalhar na roça, e possuía criação de animais. Hoje em dia ela não trabalha mais, se diz doente e sem condições, por isso o neto Roque mora com ela e cuida de criação de galinhas e suínos, além de ajudar o avô, Seu Caetano, na lavoura. A nora de Dona Lourdes, Zilda, é quem lava a roupa e faz o serviço de casa mais pesado. Ela não

soube dizer ao certo que doença tem, mas “sofre dos pulmões” e já foi desenganada pelos médicos, que receitam apenas remédio para dor. Frente à perspectiva de morte dona Lourdes se mostra conformada e justifica que é a vontade de Deus. Mesmo assim não larga o cigarro de palha que fuma desde menina, pois aprendeu com o pai fumando um pouquinho com ele todos os dias.

Dona Lourdes é o centro deste núcleo familiar e é chamada de Madrinha por todos os netos, noras e genros. Todos se dirigem pela manhã à casa dela e, unindo as palmas das mãos em frente ao peito, pedem a benção. Ela mora em uma casa de alvenaria construída recentemente como substituta da antiga casa de pau a pique, da qual só restou a antiga cozinha e o fogão à lenha. Ela se diz religiosa e as paredes da sua sala são cobertas de imagem de santos com São Jorge, Cosme e Damião e Nossa Senhora do Bom Parto, que dividem o espaço em meio a brinquedos ganhos nas





festas e quermesses da região.⁴ Diz que reza todos os dias em um pequenino altar no canto da sala e que quando tem missa ela vai, em média uma vez por mês.

Dona Lourdes foi durante muitos anos a parteira da comunidade e responsável pela maior parte dos nascimentos dos parentes. Dizem que ela e a irmã Ervelina aprenderam sozinhas o ofício, e que Dona Lourdes fez seus próprios partos, sozinha e sem ajuda. A irmã Ervelina já faleceu e Dona Lourdes encerrou as suas atividades há treze anos atrás, quando fez o último parto do nascimento de sua neta Jimerilda. Ela afirma que só o fez porque não deu tempo da mãe chegar ao hospital, porque naquela época já era

proibido. Ao ser indagado o porque da proibição, Dona Lourdes afirma que começaram a dizer que não podia ser feito sem licença, e que ela não tinha formação para realizar aquilo. Então ela deixou de ser parteira, mesmo tendo realizado vários partos, todos bem sucedidos. Hoje em dia, todas as mães do Barro Branco vão para a cidade e têm os seus filhos no hospital de Ribeirão Grande.

Dona Lourdes mostra os trabalhos manuais que aprendeu a fazer com a mãe e que representam uma das poucas atividades que ela ainda realiza. São bordados, colchas de retalhos e forros de estofados que ela coloca nas poltronas e cadeiras da sala (**Foto**). Os bordados são simples e ela os faz com o aviamento que tiver em casa, fazendo bordas e desenhos em retalhos de panos que se transformam em toalhinhas de sala e cozinha. As colchas de retalhos são feitas com partes de roupas que se estragaram ou que não se usam mais, costurados os retalhos um a um na mão até formarem uma colcha. Já os estofados são feitos com

(4) Os brinquedos ganhos nas quermesses podem ser encontrados em várias casas do Barro Branco, pendurados nas paredes como se fora um enfeite ou um objeto de ostentação. Mesmo as crianças mantêm os brinquedos dentro das caixas, porque, segundo Josieli “a gente tem dó de usar”.

muitos pequenos retalhinhos de panos coloridos que são costurados um a um numa base de pano maior, ou entrelaçados na base formando um trançado no avesso de modo a ficarem presos à base sem que se precise usar linha para costurá-lo. Aparentemente esse é o único tipo de atividade artesanal que ela produz, enquanto que o marido, Seu Caetano, faz pilões entalhados na madeira e cestaria em taquara. Ele e um sobrinho, Adão, são os únicos homens que produzem cestaria no Barro Branco. Essa atividade local é masculina e, ao que parece, eles foram os únicos que aprenderam com Seu Jacinto, falecido esposo de Dona Maria e cunhado de Seu Caetano. Nenhum outro homem ou jovem da comunidade sabe como fazer os balaios. Tendo a taquara em mãos, seu Caetano manufatura um cesto em 25 minutos e permitiu filmar e fotografar todas as etapas de seu trabalho (**Foto**).



Os cestos são usados para transportar as frutas e legumes da lavoura, para armazenar alimentos em casa, para guardar coisas pessoais, para abrigo das galinhas no galinheiro. Vai produzir muitos mais quando se mudar para a nova casa que está em fase de construção.

Dona Lourdes é uma das maiores conhecedoras das plantas da região e das ervas, raízes e outras plantas que podem ser utilizadas como medicamento. Ela foi responsável pelo ditado de parte da lista de plantas medicinais, suas funções e modo de preparo que consta em anexo. Ela diz que aprendeu sobre as ervas com a mãe e passou os ensinamentos para as filhas e netas, mas ressalta que alguns homens também são conhecedores das plantas. Ao que parece esse conhecimento é mais difundido dentro de um universo feminino, no entanto este saber é de certa forma mais geral, dependendo da inclinação e interesse de cada um no conhecimento desta prática medicinal.

Em entrevista, Dona Lourdes conta que antigamente não havia médico na região, então eles costumavam levar os doentes na curandeira, e usavam os remédios caseiros. Ela própria diz que já foi muito na curandeira quando era nova, mas não se lembra quais os procedimentos médicos e nem que tipo de problema a levou a procurar essa ajuda. Ela conta que antigamente, quando alguém da comunidade morria, era levado na rede pelo antigo peabirú (trilha) para um cemitério. Dona Lourdes conta que hoje em dia os mortos são enterrados no cemitério da cidade.

Antigamente os velórios aconteciam nas casas e muita gente ia e passava a noite inteira velando o morto até que amanhecesse. Os parentes ofereciam almoço e janta para todos. Quando ia se comprar o tecido para fazer a roupa para vestir o defunto, já se comprava pano para vestir o resto da família que estaria em luto. Caso a morte fosse de pai ou mãe, o luto deveria durar um ano, caso fosse marido ou esposa, seis meses, e se não fosse um membro da família a falecer não era obrigado vestir preto. Dona Lourdes conta que se lembra que



os pais sempre visitavam os mortos, levavam flor e cantavam orações. Hoje em dia no Dia das Almas,⁵ todos levam flor para os mortos, mas estes estão enterrados em Ribeirão Grande.

Núcleo Dona Maria

O núcleo de Dona Maria é composto por ela, seus filhos e netos. Ela tem 65 anos, é irmã de Dona Lourdes e mora no arraial em casa de pau a pique com a filha solteira chamada Pedra. Dona Maria é cega dos dois olhos e não sabe o que resultou nesta cegueira (**Foto**). Ela explica dizendo que a menininha dos olhos está tampada. Quando indagada a respeito dessa menininha ela diz que um dia sentiu muita dor num olho e depois no outro, e que depois da dor a menininha dos olhos dela ficou tampada e que agora ela está com problema.

(5) Dia de Finados

Dona Maria nasceu em Ouro Fino, morreu no Sumidouro e viveu quase a vida toda no Barro Branco. Nunca foi para a escola porque não tinha nenhuma no bairro, “a única escola que tinha era a roça” afirma ela, que ajudava diariamente o pai na lavoura. Não lembra quantos anos tinha quando começou a trabalhar, mas sabe que o pai levava todos os filhos bem pequenos, pois ele era muito pobre e trabalhava com os filhos carpindo o terreno dos outros. A mãe ficava em casa cuidando das coisas e dos irmãos menores. Dona Maria ajudava o pai a plantar milho, feijão, arroz, tudo para comer em casa e o que sobrava era vendido na cidade, e diz que foi do mesmo modo que os filhos dela se criaram. No entanto, os filhos mais novos de Dona Maria puderam estudar um pouquinho no Mobraal.

Dona Maria não se lembra com que idade casou, mas sabe que era nova. O marido, Seu Jacinto, era de Ouro Fino e eles se conheceram quando ela ainda morava com a família no Sumidouro. Os fi-

Ihos todos nasceram e se criaram no Barro Branco, ajudando Seu Jacinto no roçado. Dona Maria, depois de casada, ia menos à roça, mas o marido continuava trabalhando na plantação, além de lidar com couro e fazer cestaria. Pelo que foi informado, Seu Jacinto foi o pioneiro naquele lugar a trabalhar com cestaria e foi responsável por passar seus conhecimentos ao cunhado Seu Caetano e ao filho Adão, os únicos que preservaram essa atividade. Seu Jacinto faleceu há seis anos, ninguém soube explicar a causa.

Os filhos de Dona Maria nasceram todos em casa e foi a irmã Dona Lourdes quem fez os partos. Mas os netos foram e vão quase todos para o hospital na hora do nascimento. Segundo Dona Maria, o parto em casa era sem remédio nem curativo nessa hora "só Deus que iluminava e os Santos". O único remédio que se usava era salmoura para evitar infecção e bebia-se pinga com arruda para recaída.

Dona Maria se diz religiosa e conta que sempre foi com os pais para a igreja no Barro Branco, Ouro Fino e Ribeirão. Foi batizada e crismada "graças a Deus". Ela fez um altarinha para Nossa Senhora dentro de casa, com São José e outros santinhos pequenos e fala que quando ela mudar o santinho vai junto.

Conta que quando era nova era comum a igreja fazer festas em Ribeirão Grande e em Ouro Fino, como festas de Nossa Senhora, do Bom Jesus, e um monte de outros santos, e que ela e sua família iam a todas. Diz que nestas festas tinha uma procissão para o santo, vinha um padre rezar a missa. Depois era feito um leilão para arrecadar dinheiro para a igreja e que normalmente a comida servida era café com pão, mas que isso já não existe há muitos anos porque os mais velhos se foram e tudo ficou abandonado. Contou também que a festa de Santo Antonio e de São João era muito bonita em Barro Branco, com procissão e missa, e que faziam bolo para vender e assavam carne, mas que tudo isso também foi largado. Segundo ela, antigamente

havia batizado e casamento na igreja da comunidade com dança e música de tocador de viola e cantor. Dona Maria diz que hoje em dia não vai mais em festas, e que ninguém mais vai.

Apreendeu a cozinhar com a mãe tudo o que sabe, aprendeu também com a mãe a costurar e fazia colchas de retalho quando ainda tinha visão. Não sabe fazer tricô nem crochê. Ela também ajudou a barrear a casa com a ajuda de toda a família, conta ela. A casa foi feita há 16 anos, antes era outra casa de pau a pique no mesmo lugar, estragava uma, colocava outra. Por fora ela é revestida de barro branco para dar um melhor acabamento. O fogão foi a Candinha que fez, mas Dona Maria também sabe fazer e sempre fazia, foi a mãe que ensinou.

Na cozinha de Dona Maria há sobre o fogão um tacho de cobre que era muito utilizado para torrar a farinha de milho do monjolo e para fazer biju. Ela conta que até há pouco tempo atrás a filha Pedra ainda fazia porque ela prefere a farinha do monjolo que a comprada. Tem também um tacho de melado de cana que utilizaram muito para fazer rapadura. Dona Maria conta que foi ela quem ensinou as filhas a cozinhere de tudo. Diz que quando o marido era vivo e tinha muita criação, eles salgavam a carne de porco e penduravam para secar num gancho sobre o fogão a lenha. Até hoje é possível ver o gancho pendurado lá.

Dona Maria tem também em casa um antigo plantador de grãos que o marido e os filhos utilizavam na roça para semear principalmente o feijão. Na parede presa ao lado do semeador há ferragens e estribos de cavalos confeccionados pelo falecido marido, e atrás da porta sua filha Tereza mostra antigas esteiras de palha nas quais, até não muito tempo atrás, todos dormiam, porque não se usava cama em Barro Branco.

Hoje em dia dona Maria passa a maior parte de seu tempo dentro da cozinha na companhia das filhas. Apesar de ser uma

pessoa idosa e cega, recebeu muito bem a equipe e, lúcida, assim como a irmã dona Lourdes, rememorou muitos fatos e acontecimentos de seu passado e da história de Barro Branco.

Arqueologia Pública e turismo: os encanados de Ribeirão Grande

Os sítios arqueológicos / históricos conhecidos localmente como “encanados” correspondem a estruturas construtivas associadas ao ciclo da mineração que se desenvolveu, na região do alto Paranapanema e vale do Ribeira de Iguape, entre os séculos XVI e XVIII. Atribuídos em parte aos jesuítas espanhóis que chegaram ao vale do Paranapanema utilizando-se de itinerários indígenas, em parte aos bandeirantes em constante incursão nas áreas de aldeamento já estabelecidas, os “encanados” serviam na lavra do ouro de aluvião, livre das taxações metropolitanas até 1702, quando o Regimento das Minas estabelecia lei que obrigava a comunicação da descoberta e da exploração da lavra às autoridades portuguesas.

Partindo de vários pontos do litoral paulista, exploradores portugueses buscavam ouro subindo o curso do Ribeira. Data de 1576 expedição de Garcia Rodrigues Paes que fundou o Garimpo Santo Antônio nas proximidades da atual Iporanga, estabelecendo um dos núcleos que serviriam de base para a partida de explorações do alto curso do Ribeira e, posteriormente, do alto Paranapanema. Acredita-se, no entanto, que embora inexistam documentos escritos sobre a exploração do ouro de aluvião do alto Ribeira e do Paranapanema antes da primeira metade do século XVI, ela já tivesse ocorrido antes em pequenas incursões e que tenham se consolidado na segunda metade do século XVI, quando as populações autóctones já haviam se integrado aos aldeamentos ou eram transformados em mão-de-obra escrava dos bandeirantes.

Neste cenário em processo de conquista e de expansão territorial colonial, as cons-

truções de balos de mineração que arrimavam as barrancas de rios e córregos com muros de pedras sotopostas sem argamassa, assim como no leito dos mesmos, agilizavam a vazão da água, aumentando a velocidade de captação de ouro nas bateias. Estas estruturas de pedra, semelhantes a muros edificadas que canalizam consideráveis extensões dos rios e córregos da região, correspondem aos “encanados”.

O ouro do Ribeira e do alto Paranapanema foi sendo substituído pelo ouro das Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, fazendo com a atividade mineradora na área ficasse por conta de alguns sertanistas, como Francisco Xavier da Rocha que, transferindo-se com todos seus escravos das Minas Gerais para o Paranapanema, fundou em 1728 a Freguesia de Santo Antonio das Minas e, mais tarde, o arraial da Rocinha, hoje cidade de Apiaí.

Com a decadência do ciclo do ouro no vale do Ribeira e do alto Paranapanema, o tropeirismo tornou-se predominante e constituiu-se como novo ciclo econômico e social nesta área, que se passagem das rotas dos tropeiros para as Minas Gerais e para ramais para o interior paulista. Neste período os encanados já não são mais construídos e a mineração se torna menos sistemática. Permanece então apenas a exploração das barrancas dos rios de maior porte, como o Almas, que apresenta poços globulares de onde se retirou ouro acumulado em seus sedimentos aluviais. Testemunho desta atividade são os sítios encanados Barro Branco V e Barro Branco VI, identificados e cadastrados pela presente pesquisa.

No município de Ribeirão Grande, situado junto ao divisor de águas das bacias do Ribeira de Iguape e do Paranapanema, tais construções são encontradas em bom estado de conservação e indicam um rico legado histórico nacional. Prospecções realizadas dentro do escopo do presente Programa Arqueológico Mina Limeira resultaram no cadastro de 5 novos sítios “encanados”, contando-se ainda com outros 2 anteriormente conhecidos. A **Tabela 4**, abaixo, traz o nome, coordenadas e fonte de pesquisa destes sítios:

Tabela 4
Sítios encanados de Ribeirão Grande

Nome do Sítio	Coordenadas	Fonte
Encanado I	Rio das Almas	Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos / IPHAN
Encanado II	Rio das Conchas	Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos / IPHAN
Barro Branco VII	22J 769211/7321987	Programa Arqueológico Mina Limeira
Barro Branco XIII	Rio das Almas	Programa Arqueológico Mina Limeira
Cachoeira III	22J 768461/7324017	Programa Arqueológico Mina Limeira
Ribeirão Velho	22J 767636/7323221	Programa Arqueológico Mina Limeira
Limeira III	Mina Limeira	Programa Arqueológico Mina Limeira

Destes “encanados”, 3 se encontram na área de implantação direta do Projeto Mina Limeira (sítios Limeira III, Barro Branco VII e XIII). Neles foram realizadas ações de registro e resgate, e estão sendo foco, ainda, de análises alternativas de tratamento e valoração, considerando seu potencial de visibilidade em ações museológicas e de turismo patrimonial. Por outro lado, certamente existem ainda vários outros “encanados” na região, considerando a abrangência das atividades de mineração desenvolvidas ao longo dos séculos.

A partir dos dados acima coletados, e considerando o atrativo destes sítios integram programas turísticos municipais (alguns inclusive já em curso, mas compreendendo iniciativas isoladas e sem enfoque de preservação), foi realizada uma primeira análise sobre o potencial turístico dos sítios “encanados”, com base nos seguintes critérios de avaliação:

- Significado histórico-cultural
- Visibilidade para o público
- Estado de conservação
- Condições de acesso e segurança ao visitante
- Alternativas regionais de lazer no entorno do sítio
- Propriedade do bem (pública / particular)

Fazem parte desta avaliação os 5 “encanados” identificados através da presente pesquisa, para os quais contou-se com os dados necessários de análise.

A partir desta avaliação preliminar é possível destacar que, dos 3 sítios localizados na área de intervenção direta do Projeto Mina Limeira, 2 correspondem a estruturas simples ou de baixa preservação/visibilidade (Mina Limeira III e Barro Branco VII). O outro sítio (Barro Branco XIII) apresenta grandes dimensões e bom estado de conservação, devendo receber medidas de aproveitamento museológico.

Considerações finais

O Brasil é um país formado não apenas por uma enorme diversidade de histórias locais e contextos culturais, mas também por uma estrutura social estratificada onde grande parte da população não tem acesso a recursos críticos, incluindo educação. Por conta disso, a recente prática da Arqueologia Pública no país constitui desafio estimulante, uma vez que oferece oportunidade de criar uma outra visão do passado humano, mais diversificada e tolerante, menos rígida e, principalmente, mais próxima dos legítimos herdeiros desta história. Aproximamo-nos cada vez mais, afinal, à essência de uma ciência social.

Tabela 5
Avaliação turística preliminar – Sítios “Encanados”

Sítio	Pontos fortes	Pontos de atenção
Barro Branco VII	Estrutura de baixa visibilidade, fácil acesso, seguro. Poderia ser integrado à visita da Capela do Ouro Fino e da Caverna do Chero. Significado histórico-cultural: médio	Atualmente assoreadoPequenas dimensõesPropriedade particular
Barro Branco XIII	Estrutura composta de grandes dimensões no rio das Almas, boa visibilidade, em excelente estado de preservação. Conjunto paisagístico preservado com presença de queda d’água formando tanque e mata ciliar. Poderia ser integrado em trilhas que seguem o rio das Almas curso acima, com pontos bons em mirantes próximos e/ou roteiros mistos no Ouro Fino. Significado histórico-cultural: alto	Difícil acessoTurismo pode prejudicar mata ciliar e qualidade da água, além das próprias estruturas de mineraçãoBem público
Cachoeira III	Estrutura simples em ilha fluvial gerada pela atividade de mineração no rio das Almas; bem preservada, excelente visibilidade e fácil acesso. Poderia ser integrado aos roteiros de turismo ao Ouro fino Significado histórico-cultural: médio	Propriedade Particular
Ribeirão Velho	Estrutura complexa de grande dimensão (150 metros) no Ribeirão Velho; excelente estado de preservação. Significado histórico-cultural: alto	Difícil acessoPróximo à EE Xitué. Turismo pode prejudicar mata atlântica desenvolvida.
Limeira III	Estrutura simples de pequena dimensão fronteira à Mina Limeira; estado de preservação comprometido. Significado histórico-cultural: médio	Baixa visibilidade Difícil acesso Baixa integração aos roteiros turísticos potenciais da região

O desenvolvimento econômico que o Brasil atravessa, nesta virada de século, traz grande impacto ao seu patrimônio arqueológico, considerando os usos e desusos que são feitos de seu território. Pela primeira vez na história da disciplina, creio eu, nos deparamos com uma ameaça que há poucos anos atrás não nos afligia: a de que nosso *database* é finito.

Assim hoje a Arqueologia necessita incorporar um outro perfil, lado a lado com a comunidade que cria, destrói e preserva seus recursos. Não lhe basta ser multidisciplinar: necessita ser também multicultural, na medida em que incorpora os muitos passados possíveis.

Quais as mudanças necessárias à Arqueologia tradicional, acadêmica e enquanto profissão emergente, para este século XXI? Quem estará à frente desta mudança, desenvolvendo novos programas de treinamento e currículos acadêmicos necessários para o futuro?

O desenvolvimento sistemático de ações em Arqueologia Pública está em grande parte ligado a pesquisas junto a processos de licenciamento ambiental, onde cada vez mais os estudos têm como objetivo definir procedimentos e estratégias de sustentabilidade sócio-ambiental em um contexto capitalista.

Apesar da questão "O que deve ser sustentado?" nunca terá um paradigma unificado, há consenso sobre a efetiva participação da comunidade na pesquisa arqueológica, com base em uma estrutura não hierárquica em que métodos de trabalho e interpretação necessitam interagir.

Desde a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento ocorrido no Rio de Janeiro, em 1992, "desenvolvimento sustentável" se tornou palavra-chave de um discurso político internacional voltado à qualidade de vida, conservação dos recursos naturais e responsabilidade para gerações futuras. Apesar das discussões terem sido inicialmente voltadas às ciências naturais e análises de crescimento populacional, relaciona-se a uma discussão baseada na definição social, histórica e cultural do pro-

blema: a viabilidade de serem mantidas relações socialmente definidas entre a natureza e a comunidade durante longos períodos de tempo. Desta forma, o discurso sobre sustentabilidade é basicamente público e estreitamente vinculado a problemas como justiça social e regulamentação política.

Sustentabilidade ou não sustentabilidade corresponde a uma qualidade de condições e processos dentro de um *continuum* de condições e processos possíveis. Neste sentido, não se pode considerar a sustentabilidade ambiental e a sustentabilidade social de forma isolada. Ao contrário, o foco deve recair na interação entre elas, buscando a viabilidade de suas relações durante longos períodos de tempo. Por outro lado, considerando a rápida transformação por que as sociedades passam atualmente, a sustentabilidade necessita ser concebida dentro de uma perspectiva dinâmica, e não baseada em estruturas estáticas.

Nós, arqueólogos, precisamos nos perguntar: Qual a conexão entre nosso campo de conhecimento e sustentabilidade social? Como podemos contribuir dentro desta perspectiva? Quais novos tópicos devemos incorporar à nossa área de atuação?

Dentre as respostas possíveis, destaca-se o estímulo à coesão social através do estabelecimento de pontes entre o presente e o passado, preservando histórias e tradições e valorizando a herança cultural. Observa-se assim, portanto, uma grande mudança de perspectiva na prática da profissão: hoje a Arqueologia parte de um profundo conhecimento do presente para dar significado ao passado e perspectivas de futuro, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil. O processo pós-colonial e as informações tecnológicas disponíveis criaram um novo contexto no qual a Arqueologia deve atuar.

Como consequência deste conjunto de ações, esperamos, virá a tolerância e a possibilidade de cooperação voltada à construção de uma sociedade mais democrática. Nossa perspectiva é que o trabalho desenvolvido (e ainda em andamento) na pequena

comunidade de Barro Branco possa ter contribuído neste caminho.

O trabalho de cadastramento de sítios históricos do tipo “encanados” na área se insere, portanto, dentro de uma iniciativa de valorização e preservação patrimonial, constituindo uma segunda alternativa de aplicação da Arqueologia Pública no Programa Arqueológico que vem sendo desenvolvido.

Agradecimentos

Venho inicialmente agradecer a comunidade de Barro Branco pela sua paciência, generosidade e compromisso com a presente pesquisa. Sem eles nosso esforço seria em vão. Agradeço ainda à Companhia de Cimento Ribeirão Grande (CCRG) e, em especial, a Luiz Carlos Busato, Antonio Mauro Mendonça Barbosa e Paulo Ricardo Silva Gobbo, incansáveis estimuladores e defensores dos programas socio-ambientais que

a empresa desenvolve; devo a eles, em grande parte, a oportunidade de desenvolver os estudos e contribuições que o presente artigo busca trazer. Agradeço às instituições que apoiaram as pesquisas, a saber, o Núcleo de Estudos Estratégicos/ Arqueologia Pública da UNICAMP e a Fundação Cultural de Jacarey, no centro das quais ocorreu grande parte das discussões conceituais trazidas por este artigo. Agradeço igualmente aos inúmeros arqueólogos, historiadores, geógrafos e cientistas sociais que, comigo, compartilharam destas pesquisas, onde destaco os amigos Dr. Paulo De Blasis, Dr. Andrés Zarankin e Ms. Wagner Gomes Bernal. Agradeço especialmente o enorme empenho e compromisso de Gerson Levi da Silva Mendes em todas as etapas da pesquisa, bem como de Cintia Bendazolli pelo belíssimo trabalho junto ao universo feminino e infantil da comunidade de Barro Branco. A todos eles e aqueles que, por falta de espaço, não pude citar, meus sinceros agradecimentos.

Bibliografia em Arqueologia Pública

- ASCHER, ROBERT
1961 Analogy in archaeological interpretation. *Southwestern Journal of Anthropology* 17: 317-25
- BAHN, PAUL (ED.)
1996 *The Cambridge Illustrated History of Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge
- BENNETT, JOHN W.
1943 Recent developments in the functional interpretation of Archaeological Data. *American Antiquity* vol.9, n.2 :208-219
- BERLIN, HEINRICH
1958 El glifo “emblemata” en las inscripciones Mayas. *Journal de la Societé des Américanistes* vol. 47, :111-119
- BINFORD, LEWIS R.
1962 Archaeology as Anthropology. *American Antiquity* vol.28, n.2, :217-225
1963 Smudge pits and hide smoking: the use of analogy in archaeological reasoning. *American antiquity* 32: 1-12
1964 Methodological considerations in the use of ethnographic data. In R.B.Lee & I.DeVore (eds.) *Man the hunter*, :268-73, Chicago: Aldine Publishing Company
- 1965 Mortuary practices: their study and potential. In J.A.Brown (ed.) *Approaches to the Social Dimensions and mortuary practices*, SAA, Memoir 25, :58-67, Washington, D.C.
- 1967 Smudge Pits and Hide-Smoking: The Use of Analogy in Archaeological Reasoning. *American Antiquity* 32:1-12.
- 1971 *Mortuary practices : their study and their potential*. Washington : Society for American Archaeology, 1971, pp:6-29.
- BINFORD, S.R. & BINFORD L.R. (EDS.)
1968 *New Perspectives in Archaeology*, Aldine, Chicago
- BOAS, FRANZ
1913 Archaeological Investigations in the Valley of Mexico by the International School, 1911-12. In *Eighteenth International Congress of Americanists*, pt.1, 176-179, Londres
1940 *Race, Language and Culture* Macmillan, New York

- BOLLAERT, WILLIAM
 1860 *Antiquarian, Ethnological, and other researches in New Granada, Equador, Peru, and Chile*. D. Lane, Londres
- BORMIDA, MARCELO
 1968 Arqueologia de las altas cotas de la Costa Norpatagónica. *Thirty-seventh International Congress of Americanists*, vol.3, :345-374, Buenos Aires
- BROWN, JAMES A. (ED.)
 1971 *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. SAA, Memoir 25, Washington D.C.
- BROWNE, T.
 1658 *Hydriotaphis. Urne burial*. Londres
- CAMPBELL; DONALD T.
 1988 *Methodology and epistemology for social science: selected papers*. Chicago, University of Chicago Press Ed. Samuel Overman
- CATHERWOOD, FREDERICK
 1844 *View of Ancient Monuments in Central America, Chiapas, and Yucatán*. Vizetally, Londres
- CHANG, KWANG-CHI
 1958 Study of the Neolithic Social Grouping: examples from the New World. *American Anthropologist* vol.60, n.2, :298-334
 1967 Major aspects of the interrelationship of archaeology and ethnology. *Current Anthropology* 8() :227-34
- CHARLTON, THOMAS H.
 1981 Archaeology, ethnohistory and ethnology: interpretive interfaces. *Advances in Archaeological Method and Theory* 4:129-76
- CHILDE, V. GORDON
 1925 *The Dawn of European Civilization*
 1929 *The Danube in Prehistory*. Oxford, Clarendon Press
 1936 *Man Makes Himself*. Watts, Londres
- CIGLIANO, E.M.
 1962 *Ampajanguense*, Inst. de Antropologia, Rosario, Univ. Nacional de Litoral
- CLAASSEN, CHERYL (ED.)
 1992 *Exploring gender through archaeology*. Monographs in World Archaeology, n.11, Prehistory Press, Madison
- CLARK, GRAHAME D.
 1936 *The Mesolithic Settlement of northern Europe*. Cambridge Univ. Press, Cambridge
 1937 *Archaeology and Society*. Methuem, Londres
 1939 *The reindeer hunting tribes of northern Europe*. *Antiquity* 12:154-171.
 1953 The economic approach to Prehistory. *Proceedings of the British Academy* vol. 39, :215-238
 1970 *Prehistory of Africa*. London: Thames and Hudson
- CLARKE, DAVID
 1968 *Analytical Archaeology*. Methuem, Londres
 1972 *Models in Archaeology*. Methuem, Londres
 1977 *Spatial Archaeology*. Academic Press, Londres
- CONKEY, MARGARET W. & SPECTOR, JANET
 1984 Archaeology and the study of gender. In M.B.Schiffer (ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*, vol. 7, :1-38, Academic Press, New York
- CRIST, THOMAS A. J.
 2002 Empowerment, Ecology and Evidence: The Relevance of Mortuary Archaeology to the Public. In Little, B.J (org.) *Public Benefits of Archaeology*. Florida: University Press of Florida, pp:101-117.
- CUNHA; MANUELA CARNEIRO (ORG.)
 1992 *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Fapes e Companhia das Letras.
- DE BLASIS, P. A. & ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
 2004 Dam contract archaeology in Brazil: some prospects and a case study at the amazonian border. BID, (no prelo)
- DEETZ, JAMES J.F.
 1960 *An Archaeological Approach to kinship change in eighteenth century Arikara Culture*. PhD Dissertation, Harvard Univ., Cambridge, Mass.
 1965 *The dynamics of stylistic change in Arikara Ceramics*. University of Illinois Series in Anthropology, n.4, Urbana
 1966 *Stone Tools, Anthropology Curriculum Study Project. Excerpt in Origins of Humanness: Patterns in Human History*. New York. Edwin Dethlefsen, editor, pp. 74-84. Macmillan & Co.
 1968 Cultural patterning of behaviour as reflected by archaeological material. In: Chang, K.C. (ed) *Settlement Archaeology*. Palo Alto, CA, National Press, pp: 31-42.
 1968a The inference of residence and descent rules from Archaeological data. In S.R.Binford & L.R.Binford (eds) *New Perspectives in Archaeology* :41-49, Aldine, Chicago
 1968b Late Man in North America: Archaeology of european americans. In B.J.Meggers (ed.) *Anthropological Archaeology in the Americas*, 121-130, Washington D.C.
- DERBY, ORVILLE
 1879 Artificial Mounds of the Island of Marajó, Brazil. *American Naturalist* vol.13, n.4, 224 p.
- DE VRIES, B.
 2003 *In search of sustainability: what can we learn from the past?* Paper for the

- International Symposium on World System History and Global Environment Change, Utrecht, Lund University
- DOUGLAS, J.E.
1976 *interaction*, :129-136, Univ. of Michigan, Museum of Anthropology, Anthropological Papers n.46, Ann Arbor
- 1995 *The early Mesoamerican village* Academic Press, New York
- 1995 *Autonomy and regional systems in the late Prehistoric Southern Southwest. American Antiquity* 60(2) :240-257
- 1986 *Gula Naquitz: archaic foraging and the early agriculture in Oaxaca, Mexico.* Academic Press, Orlando
- DRUCKER, PHILLIP
1952 *La Venta, Tabasco: a study of Olmec Ceramics and art.* Bureau of American Ethnology, Bulletin 153, Washington D.C.
- DUNNELL, ROBERT C.
1986 *Five decades of American Archaeology.* D.J.Meltzer, D.D.Fowler, J.A.Sabloff (eds.) *American Archaeology, Past and Future.* Smithsonian Institution Press, Washington & London
- FABIAN; JOHANNES
1983 *Time and the other : how anthropology makes its object.* New York: Columbia University Press,
- FAGAN, BRIAN
2002 *Epilogue.* In: Little, B.J. (org) *Public Benefits of Archaeology.* Florida: University Press of Florida, pp:253-260.
- FARABEE, WILLIAN C.
1921 *Exploration at the Mouth of the Amazon, Museum Journal of the University Museum* vol.12, n.13 :142-161, Philadelphia
- FAULKNER, N.
2000 *Archaeology from below. Public Archaeology* I: 21-33
- FLANNERY, KENT V.
1967 *Culture History vs. Cultural Process: a debate in american Archaeology. Scientific American*, vol. 217, :119-122
- 1968a *Archaeological Systems theory and Early Mesoamerica.* B.J.Meggers (ed.), *Anthropological Archaeology in the Americas*, :67-87, Washington D.C.
- 1968b *The Olmec and the valley of Oaxaca: a model for inter-regional interaction in Formative times.* In E.P.Benson (ed.), *Durbarton Oaks Conference on the Olmec*, :79-110, Washington D.C.
- 1969 *Origins and ecological effects of early domestication in Iran and the Near East.* In G.W.Dimbleby & P.J.Ucko (eds.), *The domestication and exploitation of plants and animals*, :73-100, Aldine, Chicago
- 1972a *The cultural evolution of Civilizations. Annual Review of ecology and systematics.* Vol.3, :399-426, Palo Alto
- 1972b *Summary Comments: evolutionary trends in social exchange and interaction.* In E.N.Wilmsen (ed.) *Social exchange and interaction*, :129-136, Univ. of Michigan, Museum of Anthropology, Anthropological Papers n.46, Ann Arbor
- 1976 *The early Mesoamerican village* Academic Press, New York
- 1986 *Gula Naquitz: archaic foraging and the early agriculture in Oaxaca, Mexico.* Academic Press, Orlando
- FIELD, J. ET AL
2000 *'Coming back' Aborigines and archaeologists at Cuddie Springs. Public Archaeology* Vol. 1 :35-48
- FORD, J.A.
1938 *A Chronological method applicable to the Southeast. American Antiquity* vol.3, n.3 :260-264
- 1939 *Measurements of some Prehistoric Developments in the Southeastern States. Anthropological Papers of the American Museum os Natural History*, vol.44, pt.3, New York
- 1940 *A quantitative method for deriving cultural chronology.* Washington Pan American Union Technical Manual I.
- 1951 *Archaeological survey in the lower mississippi alluvial valley, 1940-1947.* Cambridge : Peabody Museum
- 1962 *Metodo cuantitativo para establecer cronologias culturales.* Washington: Union Panamericana.
- FOX, CYRIL
1932 *The personality of Britain. Man*, vol.32, 202 pp.
- FUNARI, PEDRO PAULO A.
1995 *Mixed features of archaeological theory in Brazil.* In P. Ucko (ed.) *Theory in Archaeology, a world perspective:* 236-250, London, Routledge.
- 1998 *A importancia da teoria arqueológica internacional para a Arqueologia sul-americana: o caso brasileiro.* In P. P.A. Funari (ed.) *Teoria Arqueológica na América do Sul*, :13-32, IFCH, Campinas
- 2004 *Western influences in the archaeological thought in Brazil.* In G. Politis & R. Peretti (eds.) *Teoria arqueologica en America del Sur* : 235-244, Serie Teorica n. 3, INCUAPA, Olavarria.
- FUNARI, P.P.A.; HALL, M.; JONES, S.
1999 *Historical Archaeology: back from the edge.* Londres, Rouledge.
- FUNARI, P.P.A. & ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
2005 *Ethics, capitalism and public archaeology in Brazil.*
- GALLATIN, ALBERT
1845 *Notes on the Semi-Civilized Nations of Mexico, Yucatan, and Central America.*

- Transactions of the American Ethnological Society* vol.1, New York
- GERO, JOAN M. & CONKEY, MARGARET (EDS.)
1991 *Engendering Archaeology: women and Prehistory*. Basil Blackwell, Londres
- GIFFORD, J.C.
1960 The type-variety of ceramic classification as an indicator of cultural phenomena. *American Antiquity*, 25: 341-7
- GOSDEN, C.
2000 Postcolonial Archaeology. In *Archaeological Theory Today* (ed. I. Hodder), :241-261, Polity Press, Cambridge
- GOELDI, EMILIO
1900 *Excavações arqueológicas em 1895*. Memoires do Museu Goeldi, Belém
- GONZÁLEZ, ALBERTO R.
1963 Cultural development in Northwestern Argentina. In B.J.Meggers & C.Evans (eds.) *Aboriginal cultural development in Latin America: a interpretative review*. Smithsonian Miscellaneous Collection, vol. 1240, n.1, :103-118, Washington D.C.
- GOSDEN, CHRIS
2001 Postcolonial Archaeology: Issues of Culture, Identity, and Knowledge. In: Hodder (ed.) *Archeological Theory Today*, :241-261, Cambridge, Polity Press
- GOULD, RICHARD
1967 Notes on hunting, butchering and sharing of game among Ngatajara and their neighbours in the west Australian desert. *Kroeber Anthropological Society Paper*, 36
- 1968 Living Archaeology: the Ngatatjara of Western Australia. *Southwestern Journal of Anthropology* 24: 101-22
- 1969 Subsistence behavior among the Western Desert Aborigines of Australia. *Oceania*, 39: 253-74
- 1974 Some current problems in ethnoarchaeology. In C.B.Donnan & C.W.Clewell (eds.) *Ethnoarchaeology* :29-48, Inst. of Archaeology Monograph, 4. Los angeles: Univ. of California.
- 1980 *Living archaeology*. New York: Cambridge Univ. Press
- 1981 *Cave art of australian desert aborigines*. In H.J.Shafer (ed.) *Ancient Texans*, :204-9, Austin: Texas Monthly Press
- 1990 *Recovering the Past*. Univ. of New Mexico
- GOULD, R.A. & WATSON, PATTY JO
1982 A dialogue on the meaning and use of analogy in ethnoarchaeological reasoning. *Journal of Anthropological Archaeology* 1: 355-81
- GROEVIUS, M. & GRONOVIVS, A.
1694 *Thesaurus antiquitatum*. Traj. Ad Rhenum
- HANDLER, JEROME
1968 *The Amerindian Slave Population of Barbados in the Seventeenth and Early Eighteenth Centuries*.
- HARTMAN, CARL V.
1901 *Archaeological Research in Costa Rica*. Royal Ethnological Museum, Stockholm
- HARTT, CHARLES F.
1871 The Ancient indian pottery of Mararjó, Brazil. *American Naturalist* vol.5, :259-271
- HELM, JUNE
1962 The ecological approach to Anthropology. *American Journal of Anthropology*, vol. 67, n.6, :630-639
- HEMPEL, C.G.
1966 *Philosophy of Natural History*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- HILL, JAMES N.
1968 Broken K Pueblo: patterns of form and function. In S.R.Binford & L.R.Binford, *New Perspectives in Archaeology* :103-143, Aldine, Chicago
- HODDER, IAN
1978 Social organization and human interaction: the development of some tentative hypothesis in terms of material culture. In I.Hodder (ed.) *The spatial organization of culture*. Duckworth, Londres
- 1982 *Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture*. New York: Cambridge Univ. Press
- 1985 Postprocessual Archaeology. In M. Schiffer (ed.) *Advances in Archaeological Method and theory* vol.8 :1-26, Academic Press, New York
- 1987 The contribution if the Long Term. In I.Hodder (ed.) *Archaeology as Long-Term History* :1-8, Cambridge Univ. Press, Cambridge
- 1991a Postprocessual Archaeology and the Current debate. In R.W.Preucel (ed.) *Processual and Postprocessual archaeologies: multiple ways of knowing the past*. :30-41. Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois Univ., Occasional Paper n.10, Carbondale
- 1991b *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge Univ. Press, Cambridge
- 1994 *Interpretación em Arqueología. Corrientes Actuales*. Crítica, Barcelona
- 2001 A review of contemporary theoretical debates in Archaeology. In I. Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today*. :1-13, Cambridge, Polity Press
- HOLE, FRANK & HEIZER, ROBERT
1966 *An introduction to Prehistoric Archaeology*. Holt, Rinehart and Winston, New York

- HODGE, FREDERICK W. (ED.)
1907-10 *Handbook of American Indians North of Mexico* 2 pts. Bureau of American Ethnology, Bulletin 30, Washington D.C.
- HOLMES, WILLIAM H.
1895-97 *Archaeological Studies among the ancient Cities of Mexico*. Filed Columbian Museum Anthropological Series, vol.1, n.1, Chicago
- HRDLICKA, ALES ET ALII
1911 *Early Man in South America*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 52, Washington D.C.
- HUDDLESTON, LEE E.
1967 *Origins of the American Indians: European Concepts, 1492-1729*. Austin, University of Texas Press.
- HUFFMAN, T.
1982 Archaeology and ethnohistory of the African Iron Age. *Annual Review of Anthropology* 11: 133-150
- IHERING, HERMANN VON
1895 A civilização prehistórica do Brazil meridional. *Rev. do Museu Paulista* vol.1, :34-159
- JOYCE, THOMAS
1914 *Mexican Archaeology*. Putnam, Londres
- KIDDER, ALFRED V.
1924 *Na introduction to the study of Southwestern Archaeology, with a preliminary account of the excavations at Pecos*. Papers of the Southwestern Expedition, Phillips Academy n.1, Yale Univ. Press, New Haven
- KNOROSOV, Y.V.
1967 *Selected Chapters from the Writing of the Maya Indians*, translated by Sophie Coe, Russian Translation Series of the Peabody Museum, vol.4, Cambridge, Mass.
- KRIEGER, A.D.
1944 The typological concept. *American Antiquity*, 9: 271-88
- KROEBER, ALFRED L.
1927 Coast and Highland in Prehistoric Peru. *American Anthropologist* vol.29, :625-653
1944 *Peruvian Archaeology in 1942*. Viking Fund Publications in Anthropology n.4, New York
- KUWANWISIWMA, L.
2002 Hopi Understanding of the Past. A Collaborative Approach. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 46-51.
- LATHRAP, DONALD W.
1958 The culture sequence at Yarinacochoa, Eastern Peru. *American Antiquity* vol.23, n.4, :379-388
1970 *The Upper Amazon*. Praeger, New York
1973 The Tropical forest and the cultural context of Chavin. In E.P.Benson (ed.) *Dumbarton Oaks Conference on Chavin*, :73-100, Washington D.C.
- LAMPHEAR, J.
1982 The People of the Grey Bull: The Origin and Expansion of the Turkana. *Journal of African History* 29:27-39.
- LEAKEY, L.S.B.
1960 *Adam's ancestors: the evolution of man and his culture*. New York, Harper & Row
1969 *The progress and evolution of man in Africa*. Londres, Oxford Univ. Press
1973 *Hacia el desvelamiento del origen del Hombre: diez decenios de investigación sobre la evolución humana*. Madrid, Aguilar.
- LEE, RICHARD B.
1979 *The !Kung San: men, women and work in a foraging society*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
- LERNER, S.
1991 Saving Sites: Preservation and Education. In: Smith, G. and Ehrenhard, J. (eds). *Protecting the Past*, CRC Press, Boca Raton, Florida, 103-8. Leone, Mark
1968 Neolithic economic autonomy and social distance. *Science* vol. 162, n.3858, :1150-1151
1982 Some opinions about recovering Mind. *American Antiquity* vol. 47, :742- 760
1984 Interpreting ideology in historical archaeology: using the rules of perspective in the William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In D.Miller & C.Tilley (eds.) *Ideology, Power and Prehistory* :25-35, Cambridge Univ. Press, Cambridge
- LIPE, WILLIAM D.
2002 Public Benefits of Archaeological Research. In: Little; B. J. *Public Benefits of Archaeology*. Florida: University Press of Florida, pp:20-28.
- LITTLE, B.J.
2002 Archaeology as a Shared Vision. *Public Benefits of Archaeology* (e. B. J. Little) 1-19. Florida: University Press of Florida.
- LONGACRE, WILLIAM A.
1968 Some aspects of Prehistoric Society in East-Central Arizona. In S.R.Binford & L.R.Binford (eds.) *New Perspectives in Archaeology* :89-102, Aldine, Chicago
- LOWENTHAL, D.
1981 Conclusions: Dilemmas of Preservation. In: *Our Past BeforeUs: Why Do We Save it?* Ed. D. Lowenthal and M. Binney, 213-37, London, Temple Smith.
1985 *The Past is a Foreign country*. Cambridge, cambridge University Press.

- LUND, PETER
 1950 *Memorias sobre a paleontologia brasileira* Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.
- LUMBRERAS, LUIS G.
 1971 Towards a re-evaluation of Chavin. In E.P.Benson (ed.) *Dumbarton Oaks on Chavin*. Dumbarton Oaks, Washington D.C.
- LUMBRERAS, L.G.
 1960 Algunos problemas de arqueologia peruana. In *Antiguo Peru: espacio y tiempo*. (ed. R. Matos) : 129-148, Editorial J. Mejia Baca, Lima. Malina, Jaroslav & Vasicek, Zdenek
 1990 *Archaeology yesterday & today*. Cambridge University Press, Cambridge
- MARCANO, G.
 1889 Ethnographie précolombienne du Venezuela, Vallées d'Aragua et de Caracas. *Mémoires d'Antropologie* ser.2, vol.4, :1-86
- MARTIN, PAUL S.
 1974 Early development in Mogollon research. In G.R.Willey (ed.) *Archaeological Researches in Retrospect*, :3-33, Winthrop, Cambridge
- MCGEE, R.J. & WARMS, R.L.
 1996 *Anthropological Theory – na introductory history*. Mayfield Publishing Company, California
- MCGUIRE, RANDALL H.
 1992 *A Marxist Archaeology*. Academic Press Inc., California
- MCMANAMON, F.P.
 1991 The Many Publics for Archaeology. *American Antiquity*, 56 (1), 121-30.
 1994 Presenting Archaeology to the Public in the USA. In: *The Presented Past, Heritage, Museums and education*. Ed. P. G. Stone and B. L. Molyneaux, 61-81, New York, Routledge.
 1994a Changing relationships between Native Americans and Archaeologists. *Historic preservation Forum* 8 (2): 15-20.
 2000 Archaeological messages and messengers. *Public Archaeology* 1:5-20
 2002 Heritage, History and Archaeological Educators. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 31-45
- MCNEISH, R.S.
 1958 *Preliminary Archaeological investigations in the Sierra de Tamaulipas, Mexico*. Transactions, American Philosophical Society, vol. 48, pt.6, Philadelphia
 1959 *Investigations in the Southwest Yukon: Part II, Archaeological excavation, comparison and speculation*. Papers of the R.S.Peabody Foundation for Archaeology, vol. 16, n.1, Andover, Mass
- 1960 *Investigations in the Southwest Yukon: Part II, Archaeological excavation, comparisons and speculations*. Papers of the R.S.Peabody Foundation for Archaeology, vol.6, n.1, Andover, Mass.
 1967 A summary of the subsistence. In D.S.Byers (ed.) *Prehistory of the Tehuacan Valley* vol.1 :290-309, Univ. of Texas Press, Austin
- MEGGERS, BETTY
 1954 Environmental limitation on the development of culture. *American Anthropologist* vol.56, n.5, :801-824
 1956 Functional and evolutionary implications of community patterning. In R. Wauchope (ed) *Seminars in Archaeology: 1955*. SAA, Memoir 11, Washington D.C
 1957 Environment and culture in the Amazon Basin: na appraisal of the theory of environment determinism. In A. Palerm *et alli* (eds.) *Studies in Human Ecology*, :71-90. Pan American Union Social Sciences Monograph, n.3, Washington D.C.
 1966 Field testing of cultural law: a reply to Morris Opler. *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 17, n.14, :352-354
- MEGGERS, B. & EVANS, C.
 1957 *Archaeological investigations at the Mouth of the Amazon*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 167, Washington D.C.
- MENDONÇA-DE-SOUZA, S. M. F.,
 1991 Mendonça de Souza, A. - História da arqueologia brasileira. *Pesquisas em Antropologia*, n. 46.
- MENGHIN, OSWALD F.
 1957 Das Protolithikum in Amerika. *Acta Praehistorica*, n.1
- MENZEL, DOROTHY
 1964 Style and time in the middle Horizon. *Nawpa Pacha* n.2, :1-106
- MESKELL, LYNN
 2001 Archaeologies of Identity. In I. Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today* :187-213, Cambridge, Polity Press
- MILLON, RENÉ F.
 1967 Teotihuacán. *Scientific American*, vol. 216, n.6, :38-48
- MOLYNEAUX, B.L.
 1994 Introduction: the represented Past. In *The Presented Past: heritage, museums and education* (ed. P. G. Stone & B. L. Molyneaux, 1-13, London, Routledge.
- MOSER, S.
 2001 Archaeological Replantation: the visual conventions for constructing knowledge about the past. In *Archaeological Theory*

- Today* (ed. I. Hodder), Polity Press, Cambridge.
- MULVANEY, D.J.
1969 *The Prehistory of Australia*. Londres, Thames and Hudson.
- NARROLL, RAOUL S.
1962 Floor area and settlement population. *American Antiquity* vol. 27, n.4, :587-589 National Center for History in the Schools.
1996 National Standards for History. Basic Editions. Los Angeles: university of California Press.
- NELSON, N.C.
1916 Chronology of the Tano Ruins. *American Anthropologist*, New Mexico, 18 (2): 159-180
- NEVES, E.
2001 Twenty Years of Amazonian Archaeology in Brasil. *Antiquity* 72 (277): 625-32
- NEVES, W.A.
1996 Arqueologia brasileira: algumas considerações. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia* 2:200-205.
- NEVES, W.A. ET ALII
1999 Cranial morphological variation in South America and the colonization of the New World: towards a four migration model? *Ciência e Cultura Journal of the Brazilian Association for the Advancement of Science* 51, 151-165.
- NDORO, W. & PWITI, G.
2001 Heritage management in Southern Africa. *Public Archaeology* vol. 2: 21-34
- ORSER, C.E.
1990 Archaeological approaches to New World plantation slavery. In M.B. Schiffer (ed.) *Archaeological Method and Theory* vol. 2: 111-154, Tucson, University of Arizona Press.
1992 *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte : Oficina de Livros.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A.
1995 *Pottery in Archaeology*. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge. Cambridge Univ. Press
- OUTES, FELIX F.
1897 *Los Querandies* Impreuta Martin Biedma, Buenos Aires
1898 La Edad de la piedra en Patagonia. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol 12, :203-575
1907 Arqueologia de San Blas, Provincia de Buenos Aires. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol.14, :249-275
- PATTERNSON, THOMAS C.
1989 History and the Post-Processual Archaeology. *Man*, vol.24 :555-566
- PEERS, L.
1999 "Many tender ties": the shifting contexts and meanings of the S Black bag. *World Archaeology* 31: 288-302.
- PESSIS, A. M.
1989 Apresentação gráfica e apresentação social na tradição nordeste de pintura rupestre no Brasil. *Clio* 5:11-17,
- PLOG, FRED T.
1974 *The study of Prehistoric Change* Academic Press, New York
1976 Measurement of Prehistoric Interaction between communities. In K.Flannery (ed.) *The early mesoamerican village*, New York, Academic Press
- PREUCEL, R.W.
1991 *Processual and Postprocessual archaeologist: multiple ways of knowing the past*. Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper n.10, Southern Illinois Univ., Carbondale
- PROUS, A.
1991 *Arqueologia Brasileira*, 605 pp. UnB, Brasília.
- PROUS, A.
1994 L'archéologie brésilienne aujourd'hui, Problèmes et tendances. *Recherches Brésiliennes*, Besançon, 9-43.
- PYBURN, K. ANN AND RICHARD R. WILK.
1995. Responsible Archaeology Is Applied Anthropology. In: Ethics in Archaeology: Challenges for 1990s, ed. M. J. Lynott and A. Wylie, 71-76, Washington, D. C.: Society for American Archaeology.
- RATHJE, WILLIAM L.
1970 Socio-political implications of Lowland Maya Burials: methodology and tentative hypotheses. *World Archaeology* vol1, n.3 :359-374
1974 Garbage Project: a new way of looking at the problems of Archaeology. *Archaeology* vol.27, n.4 :236-241
1978 Archaeological Ethnography...because sometimes it is better to give than to receive. In R. Gould (ed) *Explorations in Ethnoarchaeology*, :49-75. School of American Research, Advanced Seminar Series, Univ. of New Mexico Press, Albuquerque
- REDMAN, C.L.
1973 Research and theory in current Archaeology: na introduction. In C.L.Redman (ed.) *Research and theory in current archaeology* :5-26, Wiley, New York
1991 Distinguished lecture in Archaeology. In defense of the seventies – the adolescence of New Archaeology. *American Anthropologist* vol.93, :295-307

- RENFREW, C. & BAHN, P.
1996 *Archaeology – Theories, Methods and Practice*. Thames and Hudson, 2. Edition, Londres
- RESTREPO, VICENTE
1895 *Los Chibchas antes de la Conquista Espanola*. Imprensa de La Luz, Bogotá
- RIBEIRO, M. A.
2000 *Ecologizar. Pensando o ambiente humano*. Belo Horizonte, Rona Editora
- ROBRAHN-GONZALEZ, E. M.
1996 Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* vol. 6: 83-122, São Paulo.
2000 Reflexionen ueber den Gedrauch der historischen Analogie in Brasilien. In: A. Gramsch (ed.) *Vergleichen als archaologische Methode. Analogien in den Archaeologien*, BAR International Series, arbeitgemeinschaft Theorie (TAG). Berlin, 131-142
2001 El uso de la Analogia en la Etnoarqueología Brasileña. Anais da II Reunión Internacional de Teoría Arqueológica en América del Sur. Argentina.
- ROUSE, I.G.
1939 *Prehistory in Haiti. A study in method*. Yale Univ. Publications in Anthropology, n.24, New Haven
1960 The classification of artifacts in Archaeology. *American Antiquity*, 25: 313-23
- ROWE, JOHN H.
1963 Urban Settlements in Ancient Peru. *Nawpa Pacha* vol.1, n.1 :1-27
- ROWLANDS, M.
1998 The archaeology of colonialism. In K. Kristiansen & M. Rowlands, *Social Transformations in Archaeology: global and local perspectives*, 327-33, London, Routledge.
- SALMON, MERRILEE H.
1992 Postprocessual explanation in Archaeology. In L. Embree (ed.) *Meta-Archaeology*, Boston Studies in the Philosophy of Science. Kluwer Academic Press, Boston
- SANDERS, WILLIAM T.
1956 *Tierra y Agua*. Phd Dissertation, Harvard University, Cambridge.
1957 *The Cultural Ecology of the Teotihuacan Valley*, Pennsylvania State University, University Park
- SANDERS, W.T.; MERINO, JOSEPH
1970 *New orld Prehistory. Archaeology of the American Indians*. Foundations of Modern Anthropology Series. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- SANDERS, W.T. & PRICE, BARBARA
1968 *Mesoamerica, the evolution of a civilization*. Random House, New York
- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUZA.
2003 Prefácio. In: Boaventura de Souza Santos (org). *Reconhecer para Libertar. Os caminhos do Cosmopolitismo Multicultural*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 13-68.
- SCHIFFER, M.B.
1976 *Behavioral Archaeology*. Academic Press, New York
- SCHORTMAN, M. & URBAN, P.A.
1989 Interregional interaction in Prehistory: the need for a new perspective. *American Antiquity* 54(1) :52-65
1992 Current trends in interaction research. In M.Schortman & P.A.Urban (eds.) *Resources, power and interregional interaction*. Plenum Press, New York
- SCHUYLER, ROBERT L.
1970 Historical and Historic Sites Archaeology as Anthropology: basic definitions and relationships. *Historical Archaeology* vol.4 :83-89
- SCHWARCZ, LILIA MORITZ.
1993 O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras.
- SHACKEL, P.
2002 Broadening the Interpretation of the Past at Harpers Ferry National Historical Park. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 157-167.
- SHANKS, MICHAEL & TILLEY, CRISTOPHER
1987 *Social Theory and Archaeology*. Polity Press, Cambridge
1989 Archaeology into the 1990s. *Norwegian archaeological Review*, vol. 22:1-12
- SHANKS, MICHAEL & HODDER, IAN
1995 Processual, postprocessual and interpretive Archaeologies. Ian Hodder et alii (eds.) *Interpreting Archaeology – finding meaning in the past*. Routledge, London and New York, :3-29
- SEARS, WILLIAM H.
1961 The study of social and religious systems in North American Archaeology. *Current Anthropology* vol.2, n.3, :223-231
- SHIVA, V
2003 *Monoculturas da mente. Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo, Editora Gaia.
- SMITH, G. AND EHRENHARD, J.
2002 Protecting the Past to Benefit the Public. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 121-130

- SPAULDING, ALBERT C.
1988 Distinguished lecture: archaeology and anthropology. *American Anthropologist* vol. 90 :263-271
- SPIER, L.
1917 *Na outline for a chronology of Zuñi ruins.* Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, 18, Nova Iorque :207-331
- SPINDEN, HERBERT J.
1917 The origin and distribution of agriculture in America. *Proceedings, Nineteenth International Congress of Americanists*, :269-276, Washington D.C.
1928 *Ancient Civilizations of Mexico and Central Mexico.* American Museum of Natural History Handbook Series, n.3, New York
- SQUIER, EPHRAIM G.
1849 *Aboriginal Monuments of New York.* Smithsonian Contributions to Knowledge, vol. 2, Washington, D.C.
- STAHL, A.
1994 Change and Continuity in the Banda Area, Ghana: The Direct Historical Approach. *Journal of Field Archaeology*, 21, pp:181-203.
- STEERE, J.B.
1927 *The Archaeology of the Amazon*, Univ. of Michigan Official Publications vol.29, n.9, Univ. of Michigan, Ann Arbor
- STEINEN, KARL VON DEN
1904 Ausgrabungen am Valenciasee. *Globus* vol.86, n.77, :101-8
- STEWART, JULIAN H.
1937 Ecological aspects of Southwestern Society. *Anthropos* vol.32, :87-104
1938 The direct historical approach to Archaeology. *American Antiquity* vol.7 n.4 :337-433
1946-50 *The Handbook of South American Indians*, 6 vols., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Washington D.C.
1949 Cultural Causality and Law: a trial formulation of the development of early civilizations. *American Anthropologist* vol.51, :1-27
1950 *Theory of Cultural Change.* Univ. of Illinois Press, Urbana
1955 *Civilizaciones antiguas del viejo mundo y de america : symposium sobre las civilizaciones de regadio.* Washington, Dc : Union Panamericana.
1966 Toward understanding cultural evolution. *Science* vol.153, :729-730
- STEWART, LINCOLN J.
1942 *The maya calendar of the ixil of guatemala.* Washington : Carnegie Institution of Washington,
- STIRLING, MATTHEW W.
1943 *Stone Monuments of southern Mexico.* Bureau of American Ethnology, Bulletin 138, Washington D.C.
- STOW, J.
1603 *A survey of London.* London
- STRONG, WILLIAM D.
1935 *Na introduction to Nebraska Archaeology* Smithsonian Miscellaneous Collections, vol.93 n.10, Washington D.C.
- STURTEVANT, WILLIAM C.
1960 *The significance of Ethnological similarities between Southeastern North America and the Antilles.* Yale Univ. Publications in anthropology, n.64, New Haven
- TAYLOR, WALTER W. JR.
1948 *A study of Archaeology.* Memoir Series of the American Anthropological Association, n.69,, Menasha, Wis.
- THOMAS, CYRUS
1894 *Report of the Mound Explorations of the Bureau of Ethnology.* Washington, D.C.
- THOMAS, DAVID
1988 Saints and soldiers at Santa Catarina: Hispanic Designs for colonial America. In M.P.Leone & P.B.Potter Jr (eds.) *The recovery of meaning: historical archaeology in the eastern United States.* :73-140, Smithsonian Institution Press, Washington D.C.
2000 Skull Wars: Kennewick Man, Archaeology and the Battle for Native American Identity. New York, Basic Books.
- THOMPSON, J.E.S.
1950 *Maya Hieroglyphic Writing: na introduction.* Publications of the Carnegie Institution of Washington, n.589, Washington D.C.
- TRIGGER, BRUCE G.
1963 Settlement as na aspect of Iroquois adaptation at the time of contact. *American Anthropologist* vol.65, n.1, :86-101
1967 Settlement Archaeology – its goals and promise. *American Antiquity* vol.32, n.1 :149-161
1968 The determinants of settlement patterns. In K.C.Chang (ed.) *Settlement Archaeology* :53-78, Nation Press Books, Palo Alto
1989 *A history of Archaeological Thought.* Cambridge University Press, Cambridge
1991 Constraint and freedom: a new synthesis for Archaeological explanation. *American Anthropologist* vol.93, :551-569
- UHLE, MAX
1903 *Pachacamac.* Niversity of Pannsylvania Press, Philadelphia.
- VAILLANT, GEORGE C.
1927 *The chronological significance of Maya*

- Ceramics*. PhD dissertation, Harvard Univ., Cambridge.
- VAN MELLEN, J.
1679 *Historia urnae sepulchralis sarmaticae*. Jena
- WATSON, PATTY JO
1979 The idea of ethnoarchaeology: notes and comments. In C.Kramer (ed.) *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. :277-88, New York: Columbia Univ. Press
- 1990 A Parochial Primer: the new dissonance as seen from the Midcontinental USA. In R.W.Preucel (ed.) *Processual and Postprocessual Archaeologies: multiple ways of knowing the past*. :265-274, Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper n.10, Southern Illinois Univ., Carbondale
- WATSON, PATTY JO; LEBLANC, S.A. & REDMAN, CHARLES L.
1971 *Explanation in Archaeology, an explicitly Scientific Approach*. Columbia Univ. Press, New York
- WATSON, RICHARD A.
1991 What the New Archaeology has Accomplished. *Current Anthropology* 32(3):275-291
- WAUCHOPE, ROBERT
1962 *Lost Tribes and Sunken Continents*. University of Chicago Press, Chicago.
- 1964-76 *Handbook of Middle American Indians*, vol. 1-16, Univ. of Texas Press, Austin
- WEDEL, WALDO R.
1953 Some aspects of human ecology in the Central Plains. *American Anthropologist* vol.55, :499-514
- WHALLON, R. JR.
1967 Investigations of late Prehistoric social organization in New York State. In S.R.Binford & L.R.Binford (eds.) *New Perspectives in Archaeology* :223-244, Aldine, Chicago
- 1968 A new approach to pottery typology. *American Antiquity*, 37: 13-33
- 1974 Spatial analysis of occupation floors (II): the application of nearest neighbour analysis. *American Antiquity* 39 (1), 16-34. Salt Lake City. Society American Archaeology
- WHITE, LESLIE A.
1959 *The Evolution of Culture*. McGraw-Hill, New York
- WILLEY, G.
1945 Horizon Styles and pottery traditions in Peruvian Archaeology. *American Antiquity* vol.11 :49-56
- 1946 Comments on cultural and social Anthropology. In S. Tax et alii (eds.) *Na appraisal of Anthropology today*. :229-230, Univ. of Chicago Press, Chicago.
- 1947 *Prehistoric Settlement Patterns in the New World*. Viking Fund Publications in Anthropology, n.23, New York
- 1948 The early great styles and the rise of the pre-Columbian civilizations. *American Anthropologist* vol.64, n.1, :1-14
- 1953 Prehistoric settlement patterns in the Virú Valley, Peru. Washington : U.S. Govt. Print. Off
- 1956 *Prehistoric Settlement Patterns in the New World*. Viking Fund Publications in Anthropology No. 23, New York.
- WILLEY, G.R. & PHILLIPS, PHILIP
1955 Method and theory in American Archaeology, II: historical-developmental interpretations. *American Anthropologist* vol.57, :723-819
- 1958 *Method and theory in American Archaeology*. Univ. of Chicago Press, Chicago
- WILLEY, G.R. & SABLOFF, J.A.
1993 *A History of American Archaeology*. W.H. Freeman and C., New York, 3. Edition
- WYLIE, A.
1985 The reaction against analogy. *Advances in Arch. Method and Theory* 8: 63-111
- 1988 'Simple' analogy and the role of relevance assumptions: implications of Archaeological Practice. *International Studies in the Philosophy of Science* 2:134-150
- 1989 The interpretive Dilemma. V.Pinsky & A.Wylie (ed.) *Critical Traditions in Contemporary Archaeology: essays in the Philosophy, History and socio-politics of Archaeology*. :18-27, Cambridge Univ. Press, Cambridge
- 1991 Gender theory and the Archaeological record. In J.M.Gero & M.W.Conkey (eds.) *Engendering Archaeology, women and prehistory*. :31-56, Basil Blackwell, Londres

Bibliografia Arqueológica/ Histórica

- AMBROSETTI, JUAN B.
1897 La antigua Ciudad de Quilmes (Valle Calchaqui). *Boletín Instituto Geografía Argentina*, vol. 17: 33-70
1898 El Sepulcro de 'La Paya' ultimamente descubierto en los Lalles Calchaquies (Provincia de Salta). *Arqueología Argentina* vol1, ser.3, :119-148
1899 Exploraciones arqueológicas en la Pampa Grande (Prov. De alta). *Revista de la Universidad de Buenos Aires* vol.6, n.1
1906 El hacha de huaycama. In: *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires*, ser.3, v.16, t.9, p. 15-23.
1908 Exploraciones arqueológicas en la ciudad pre-histórica de 'La Paya (Valle Calchaqui, Provincia de Salta). *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, vol.8, n.3
1912 Memoria del Museo Etnográfico (1906 a 1912). Buenos Aires : Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1912
- AMEGHINO, FLORENTINO
1911 Une nouvelle industrie lithique. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol.12, ser.3, :189-204
1918 *La Antigüedad del Hombre en El Plata*. Cultura Argentina, Buenos Aires
- ASCHER, ROBERT
1961 Analogy in archaeological interpretation. *Southwestern Journal of Anthropology* 17: 317-25
- BAHN, PAUL (ED.)
1996 *The Cambridge Illustrated History of Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge
- BARRETO, CRISTIANA.
2000 A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil. In Dossiê Antes de Cabral: arqueologia brasileira I, Revista da USP,São Paulo. P 32-51
2002 Exploring the Amazon, explaining the Unknown Amazon: views from the Past. In: McEwan, Colin, Barreto, Cristiana e Neves, Eduardo. *Unknown Amazon*. Londres, British Museum, pp:232-251.
- BENNETT, JOHN W.
1943 Recent developments in the functional interpretation of Archaeological Data. *American Antiquity* vol.9, n.2 :208-219
- BERLIN, HEINRICH
1958 El glifo "emblema" en las inscripciones Mayas. *Journal de la Societé des Américanistes* vol. 47, :111-119
- BINFORD, LEWIS R.
1962 Archaeology as Anthropology. *American Antiquity* vol.28, n.2, :217-225
1963 Smudge pits and hide smoking: the use of analogy in archaeological reasoning. *American antiquity* 32: 1-12
1964 Methodological considerations in the use of ethnographic data. In R.B.Lee & I.DeVore (eds.) *Man the hunter*, :268-73, Chicago: Aldine Publishing Company
1965 Mortuary practices: their study and potential. In J.A.Brown (ed.) *Approaches to the Social Dimensions and mortuary practices*, SAA, Memoir 25, :58-67, Washington, D.C.
1967 Smudge Pits and Hide-Smoking: The Use of Analogy in Archaeological Reasoning. *American Antiquity* 32:1-12.
1971 *Mortuary practices : their study and their potential*. Washington : Society for American Archaeology, 1971, pp:6-29.
- BINFORD, S.R. & BINFORD L.R. (EDS.)
1968 *New Perspectives in Archaeology*, Aldine, Chicago
- BOAS, FRANZ
1913 Archaeological Investigations in the Valley of Mexico by the International School, 1911-12. In *Eighteenth International Congress of Americanists*, pt.1, 176-179, Londres
1940 *Race, Language and Culture* Macmillan, New York
- BOLLAERT, WILLIAM
1860 *Antiquarian, Ethnological, and other researches in New Granada, Equador, Peru, and Chile*. D. Lane, Londres
- BORMIDA, MARCELO
1968 Arqueologia de las altas cotas de la Costa Norpatagónica. *Thirty-seventh International Congress of Americanists*, vol.3, :345-374, Buenos Aires
- BROWN, JAMES A. (ED.)
1971 *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. SAA, Memoir 25, Washington D.C.
- BROWNE, T.
1658 *Hydriotaphis. Urne burial*. Londres
- CALDARELLI, S. B. & SANTOS, M.C.M.M. DOS
2000 Arqueologia de contrato no Brasil. In: Neves, Walter A. (org.) *Antes de Cabral: arqueologia brasileira*. *Revista USP* 44:32-51, São Paulo, Univ. de S. Paulo.
- CAMPBELL; DONALD T.
1988 *Methodology and epistemology for social science: selected papers*. Chicago,

- University of Chicago Press Ed. Samuel Overman
- CATHERWOOD, FREDERICK
1844 *View of Ancient Monuments in Central America, Chiapas, and Yucatán*. Vizetally, Londres
- CHANG, KWANG-CHI
1958 Study of the Neolithic Social Grouping: examples from the New World. *American Anthropologist* vol.60, n.2, :298-334
1967 Major aspects of the interrelationship of archaeology and ethnology. *Current Anthropology* 8() :227-34
- CHARLTON, THOMAS H.
1981 Archaeology, ethnohistory and ethnology: interpretive interfaces. *Advances in Archaeological Method and Theory* 4:129-76
- CHILDE, V. GORDON
1925 *The Dawn of European Civilization*
1929 *The Danube in Prehistory*. Oxford, Clarendon Press
1936 *Man Makes Himself*. Watts, Londres
- CIGLIANO, E.M.
1962 *Ampajanguense*. Inst. de Antropologia, Rosario, Univ. Nacional de Litoral
- CLAASSEN, CHERYL (ED.)
1992 *Exploring gender through archaeology*. Monographs in World Archaeology, n.11, Prehistory Press, Madison
- CLARK, GRAHAME D.
1936 *The Mesolithic Settlement of northern Europe*. Cambridge Univ. Press, Cambridge
1937 *Archaeology and Society*. Methuen, Londres
1939 *The reindeer hunting tribes of northern Europe*. *Antiquity* 12:154-171.
1953 The economic approach to Prehistory. *Proceedings of the British Academy* vol. 39, :215-238
1970 *Prehistory of Africa*. London: Thames and Hudson
- CLARKE, DAVID
1968 *Analytical Archaeology*. Methuen, Londres
1972 *Models in Archaeology*. Methuen, Londres
1977 *Spatial Archaeology*. Academic Press, Londres
- CONKEY, MARGARET W. & SPECTOR, JANET
1984 Archaeology and the study of gender. In M.B.Schiffer (ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*, vol. 7, :1-38, Academic Press, New York
- CRIST, THOMAS A. J.
2002 Empowerment, Ecology and Evidence: The Relevance of Mortuary Archaeology to the Public. In Little, B.J (org.) *Public Benefits of Archaeology*. Florida: University Press of Florida, pp:101-117.
- CUNHA; MANUELA CARNEIRO (ORG.)
1992 *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp e Companhia das Letras.
- DE BLASIS, P. A. & ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
2004 Dam contract archaeology in Brazil: some prospects and a case study at the amazonian border. BID, (no prelo)
- DEETZ, JAMES J.F.
1960 *An Archaeological Approach to kinship change in eighteenth century Arikara Culture*. PhD Dissertation, Harvard Univ., Cambridge, Mass.
1965 *The dynamics of stylistic change in Arikara Ceramics*. University of Illinois Series in Anthropology, n.4, Urbana
1966 *Stone Tools, Anthropology Curriculum Study Project. Excerpt in Origins of Humanness: Patterns in Human History*. New York. Edwin Dethlefsen, editor, pp. 74-84. Macmillan & Co.
1968 Cultural patterning of behaviour as reflected by archaeological
- MATERIAL. IN:CHANG, K.C.
(ed) *Settlement Archaeology*. Palo Alto, CA, National Press, pp: 31-42.
1968a The inference of residence and descent rules from Archaeological data. In S.R.Binford & L.R.Binford (eds) *New Perspectives in Archaeology*:41-49, Aldine, Chicago
1968b Late Man in North America: Archaeology of european americans. In B.J.Meggers (ed.) *Anthropological Archaeology in the Americas*, 121-130, Washington D.C.
- DERBY, ORVILLE
1879 Artificial Mounds of the Island of Marajó, Brazil. *American Naturalist* vol.13, n.4, 224 p.
- DE VRIES, B.
2003 *In search of sustainability: what can we learn from the past?* Paper for the International Symposium on World System History and Global Environment Change, Utrecht, Lund University
- DOUGLAS, J.E.
1995 Autonomy and regional systems in the late Prehistoric Southern Southwest. *American Antiquity* 60(2) :240-257
- DRUCKER, PHILLIP
1952 *La Venta, Tabasco: a study of Olmec Ceramics and art*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 153, Washington D.C.
- DUNNELL, ROBERT C.
1986 Five decades of American Archaeology. D.J.Meltzer, D.D.Fowler, J.A.Sabloff (eds.) *American Archaeology, Past and Future*. Smithsonian Institution Press, Washington & London

- FABIAN; JOHANNES
1983 *Time and the other : how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press,
- FAGAN, BRIAN
2002 Epilogue. In: Little, B.J. (org) *Public Benefits of Archaeology*. Florida: University Press of Florida, pp:253-260.
- FARABEE, WILLIAN C.
1921 Exploration at the Mouth of the Amazon, *Museum Journal of the University Museum* vol.12, n.13 :142-161, Philadelphia
- FAULKNER, N.
2000 Archaeology from below. *Public Archaeology* I: 21-33
- FLANNERY, KENT V.
1967 Culture History vs. Cultural Process: a debate in american Archaeology. *Scientific American*, vol. 217, :119-122
1968a Archaeological Systems theory and Early Mesoamerica. B.J.Meggers (ed.), *Anthropological Archaeology in the Americas*, :67-87, Washington D.C.
1968b The Olmec and the valley of Oaxaca: a model for inter-regional interaction in Formative times. In E.P.Benson (ed.), *Durbarnton Oaks Conference on the Olmec*,:79-110, Washington D.C.
1969 Origins and ecological effects of early domestication in Iran and the Near East. In G.W.Dimbleby & P.J.Ucko (eds.), *The domestication and exploitation of plants and animals*, :73-100, Aldine, Chicago
1972a The cultural evolution of Civilizations. *Annual Review of ecology and systematics*. Vol.3, :399-426, Palo Alto
1972b Summary Comments: evolutionary trends in social exchange and interaction. In E.N.Wilmsen (ed.) *Social exchange and interaction*, :129-136, Univ. of Michigan, Museum of Anthropology, Anthropological Papers n.46, Ann Arbor
1976 *The early Mesoamerican village* Academic Press, New York
1986 *Guila Naquitz: archaic foraging and the early agriculture in Oaxaca, Mexico*. Academic Press, Orlando
- FIELD, J. ET AL
2000 'Coming back' Aborigines and archaeologists at Cuddie Springs. *Public Archaeology* Vol. 1 :35-48
- FORD, J.A.
1938 A Chronological method applicable to the Southeast. *American Antiquity* vol.3, n.3 :260-264
1939 Measurements of some Prehistoric Developments in the Southeastern States. *Anthropological Papers of the American Museum os Natural History*, vol.44, pt.3, New York
- 1940 *A quantitative method for deriving cultural chronology*. Washington Pan American Union Technical Manual I.
1951 *Archaeological survey in the lower mississippi alluvial valley, 1940-1947*. Cambridge : Peabody Museum
1962 *Metodo cuantitativo para establecer cronologias culturales*. Washington: Union Panamericana.
- FOX, CYRIL
1932 The personality of Britain. *Man*, vol.32, 202 pp.
- FUNARI, PEDRO PAULO A.
1995 Mixed features of archaeological theory in Brazil. In P. Ucko (ed.) *Theory in Archaeology, a world perspective*: 236-250, London, Routledge.
1998 A importancia da teoria arqueológica internacional para a Arqueologia sulamericana: o caso brasileiro. In P. P.A. Funari (ed.) *Teoria Arqueológica na América do Sul*, :13-32, IFCH, Campinas
2004 Western influences in the archaeological thought in Brazil. In G. Politis & R. Peretti (eds.) *Teoria arqueologica en America del Sur* : 235-244, Serie Teorica n. 3, INCUAPA, Olavarria.
- FUNARI, P.P.A.; HALL, M.; JONES, S.
1999 *Historical Archaeology: back from the edge*. Londres, Rouledge.
- FUNARI, P.P.A. & ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
2005 Ethics, capitalism and public archaeology in Brazil.
- GALLATIN, ALBERT
1845 Notes on the Semi-Civilized Nations of Mexico, Yucatan, and Central America. *Transactions of the American Ethnological Society* vol.1, New York
- Gaspar, M.D.
1998 Considerations on the sambaquis of the Brazilian coast. *Antiquity* 72 (277) :592-615
- GERO, JOAN M. & CONKEY, MARGARET (EDS.)
1991 *Engendering Archaeology: women and Prehistory*. Basil Blackwell, Londres
- GIFFORD, J.C.
1960 The type-variety of ceramic classification as na indicator of cultural phenomena. *American Antiquity*, 25: 341-7
- GOSDEN, C.
2001 Postcolonial Archaeology. In *Archaeological Theory Today* (ed. I. Hodder), :241-261, Polity Press, Cambridge

- GOELDI, EMILIO
 1900 *Excavações arqueológicas em 1895*. Memórias do Museu Goeldi, Belém
- GONZÁLEZ, ALBERTO R.
 1963 Cultural development in Northwestern Argentina. In B.J.Megggers & C.Evans (eds.) *Aboriginal cultural development in Latin America: na interpretative review*. Smithsonian Miscellaneous Collection, vol. 1240, n.1, :103-118, Washington D.C.
- GOSDEN, CHRIS
 2001 Postcolonial Archaeology: Issues of Culture, Identity, and Knowledge. In: Hodder (ed.) *Archeological Theory Today*, :241-261, Cambridge, Polity Press
- GOULD, RICHARD
 1967 Notes on hunting, butchering and sharing of game among Ngatajara and their neighbours in the west Australian desert. *Kroeber Anthropological Society Paper*, 36
 1968 Living Archaeology: the Ngatatjara of Western Australia. *Southwestern Journal of Anthropology* 24: 101-22
 1969 Subsistence behavior among the Western Desert Aborigines of Australia. *Oceania*, 39: 253-74
 1974 Some current problems in ethnoarchaeology. In C.B.Donnan & C.W.Clewlou (eds.) *Ethnoarchaeology* :29-48, Inst. of Archaeology Monograph, 4. Los angeles: Univ. of California.
 1980 *Living archaeology*. New York: Cambridge Univ. Press
 1981 *Cave art of australian desert aborigines*. In H.J.Shafer (ed.) Ancient Texans, :204-9, Austin: Texas Monthly Press
 1990 *Recovering the Past*. Univ. od New Mexico
- GOULD, R.A. & WATSON, PATTY JO
 1982 A dialogue on the meaning and use of analogy in ethnoarchaeological reasoning. *Journal of Anthropological Archaeology* 1: 355-81
- GROEVIUS, M. & GRONOVIVS, A.
 1694 *Thesaurus antiquitatum*. Traj. Ad Rhenum
- HANDLER, JEROME
 1968 *The Amerindian Slave Population of Barbados in the Seventeenth and Early Eighteenth Centuries*.
- HARTMAN, CARL V.
 1901 *Archaeological Research in Costa Rica*. Royal Ethnological Museum, Stockholm
- HARTT, CHARLES F.
 1871 The Ancient indian pottery of Mararjô, Brazil. *American Naturalist* vol.5, :259-271
- HELM, JUNE
 1962 The ecological approach to Anthropology. *American Journal of Anthropology*, vol. 67, n.6, :630-639
- HEMPEL, C.G.
 1966 *Philosophy of Natural History*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- HILL, JAMES N.
 1968 Broken K Pueblo: patterns of form and function. In S.R.Binford & L.R.Binford, *New Perspectives in Archaeology* :103-143, Aldine, Chicago
- HODDER, IAN
 1978 Social organization and human interaction: the development of some tentativa hypothesis in terms of material culture. In I.Hodder (ed.) *The spatial organization of culture*. Duckworth, Londres
 1982 *Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture*. New York: Cambridge Univ. Press
 1985 Postprocessual Archaeology. In M. Schiffer (ed.) *Advances in Archaeological Method and theory* vol.8 :1-26, Academic Press, New York
 1987 The contribution if the Long Term. In I.Hodder (ed.) *Archaeology as Long-Term History* :1-8, Cambridge Univ. Press, Cambridge
 1991a Postprocessual Archaeology and the Current debate. In R.W.Preucel (ed.) *Processual and Postprocessual archaeologies: multiple ways of knowing the past*:30-41. Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois Univ., Occasional Paper n.10, Carbondale
 1991b *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge Univ. Press, Cambridge
 1994 *Interpretación em Arqueología. Corrientes Actuales*. Crítica, Barcelona
 2001 A review of contemporary theoretical debates in Archaeology. In I. Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today*. :1-13, Cambridge, Polity Press
- HOLE, FRANK & HEIZER, ROBERT
 1966 *An introduction to Prehistoric Archaeology*. Holt, Rinehart and Winston, New York
- HODGE, FREDERICK W. (ED.)
 1907-10 *Handbook of American Indians North of Mexico* 2 pts. Bureau of American Ethnology, Bulletin 30, Washington D.C.
- HOLMES, WILLIAM H.
 1895-97 *Archaeological Studies among the ancient Cities of Mexico*. Filed Columbian Museum Anthropological Series, vol.1, n.1, Chicago
- HRDLICKA, ALES ET ALII
 1912 *Early Man in South America*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 52, Washington D.C.

- HUDDLESTON, LEE E.
1967 *Origins of the American Indians: European Concepts, 1492-1729*. Austin, University of Texas Press.
- HUFFMAN, T.
1982 Archaeology and ethnohistory of the African Iron Age. *Annual Review of Anthropology* 11: 133-150
- HERING, HERMANN VON
1895 A civilização pré-histórica do Brasil meridional. *Rev. do Museu Paulista* vol.1, :34-159
- JOYCE, THOMAS
1914 *Mexican Archaeology*. Putnam, Londres
- KIDDER, ALFRED V.
1924 *Na introduction to the study of Southwestern Archaeology, with a preliminary account of the excavations at Pecos*. Papers of the Southwestern Expedition, Phillips Academy n.1, Yale Univ. Press, New Haven
- KNOROSOV, Y.V.
1967 *Selected Chapters from the Writing of the Maya Indians*, translated by Sophie Coe, Russian Translation Series of the Peabody Museum, vol.4, Cambridge, Mass.
- KRIEGER, A.D.
1944 The typological concept. *American Antiquity*, 9: 271-88
- Kroeber, Alfred L.
1927 Coast and Highland in Prehistoric Peru. *American Anthropologist* vol.29, :625-653
- 1944 *Peruvian Archaeology in 1942*. Viking Fund Publications in Anthropology n.4, New York
- KUWANWISIWMA, L.
2002 Hopi Understanding of the Past. A Collaborative Approach. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 46-51.
- LATHRAP, DONALD W.
1958 The culture sequence at Yarinacochoa, Eastern Peru. *American Antiquity* vol.23, n.4, :379-388
- 1970 *The Upper Amazon*. Praeger, New York
- 1973 The Tropical forest and the cultural context of Chavin. In E.P.Benson (ed.) *Dumbarton Oaks Conference on Chavín*, :73-100, Washington D.C.
- LAMPHEAR, J.
1982 The People of the Grey Bull: The Origin and Expansion of the Turkana. *Journal of African History* 29:27-39.
- LEAKEY, L.S.B.
1960 *Adam's ancestors: the evolution of man and his culture*. New York, Harper & Row
- 1969 *The progress and evolution of man in Africa*. Londres, Oxford Univ. Press
- 1973 *Hacia el desvelamiento del origen del Hombre: diez decenios de investigación sobre la evolución humana*. Madrid, Aguilar.
- LEE, RICHARD B.
1979 *The !Kung San: men, women and work in a foraging society*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
- LERNER, S.
1991 Saving Sites: Preservation and Education. In: Smith, G. and Ehrenhard, J. (eds). *Protecting the Past*, CRC Press, Boca Raton, Florida, 103-8. Leone, Mark
- 1968 Neolithic economic autonomy and social distance. *Science* vol. 162, n.3858, :1150-1151
- 1982 Some opinions about recovering Mind. *American Antiquity* vol. 47, :742-760
- 1984 Interpreting ideology in historical archaeology: using the rules of perspective in the William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In D.Miller & C.Tilley (eds.) *Ideology, Power and Prehistory* :25-35, Cambridge Univ. Press, Cambridge
- LIPE, WILLIAM D.
2002 Public Benefits of Archaeological Research. In: Little; B. J. *Public Benefits of Archaeology*. Florida: University Press of Florida, pp:20-28.
- LITTLE, B.J.
2002 Archaeology as a Shared Vision. *Public Benefits of Archaeology* (e. B. J. Little) 1-19. Florida: University Press of Florida.
- LONGACRE, WILLIAM A.
1968 Some aspects of Prehistoric Society in East-Central Arizona. In S.R.Binford & L.R.Binford (eds.) *New Perspectives in Archaeology* :89-102, Aldine, Chicago
- LOWENTHAL, D.
1981 Conclusions: Dilemmas of Preservation. In: *Our Past Before Us: Why Do We Save it?* Ed. D. Lowenthal and M. Binney, 213-37, London, Temple Smith.
- 1985 *The Past is a Foreign country*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LUND, PETER
1950 *Memorias sobre a paleontologia brasileira* Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.
- LUMBRERAS, LUIS G.
1971 Towards a re-evaluation of Chavin. In E.P.Benson (ed.) *Dumbarton Oaks on Chavin*. Dumbarton Oaks, Washington D.C.
- LUMBRERAS, L.G.
1960 Algunos problemas de arqueologia peruana. In *Antiguo Peru: espacio y tiempo*. (ed. R. Matos) : 129-148, Editorial J. Mejía Baca, Lima. Malina, Jaroslav & Vasícek, Zdenek

- 1990 *Archaeology yesterday & today*. Cambridge University Press, Cambridge
- MARCANO, G.
1889 Ethnographie précolombienne du Venezuela, Vallées d'Aragua et de Caracas. *Mémoires d'Antropologie* ser.2, vol.4, :1-86
- MARTIN, PAUL S.
1974 Early development in Mogollon research. In G.R.Willey (ed.) *Archaeological Researches in Retrospect*, :3-33, Winthrop, Cambridge
- McGee, R.J. & Warms, R.L.
1996 *Anthropological Theory – na introductory history*. Mayfield Publishing Company, California
- MCGUIRE, RANDALL H.
1992 *A Marxist Archaeology*. Academic Press Inc., California
- MCMANAMON, F.P.
1991 The Many Publics for Archaeology. *American Antiquity*, 56 (1), 121-30.
1994 Presenting Archaeology to the Public in the USA. In: *The Presented Past, Heritage, Museums and education*. Ed. P. G. Stone and B. L. Molyneaux, 61-81, New York, Routledge.
1994a Changing relationships between Native Americans and Archaeologists. *Historic preservation Forum* 8 (2): 15-20.
2000 Archaeological messages and messengers. *Public Archaeology* 1:5-20
2002 Heritage, History and Archaeological Educators. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 31-45
- MCNEISH, R.S.
1958 *Preliminary Archaeological investigations in the Sierra de Tamaulipas, Mexico*. Transactions, American Philosophical Society, vol. 48, pt.6, Philadelphia
1959 *Investigations in the Southwest Yukon: Part II, Archaeological excavation, comparison and speculation*. Papers of the R.S.Peabody Foundation for Archaeology, vol. 16, n.1, Andover, Mass
1960 *Investigations in the Southwest Yukon: Part II, Archaeological excavation, comparisons and speculations*. Papers of the R.S.Peabody Foundation for Archaeology, vol.6, n.1, Andover, Mass.
1967 A summary of the subsistence. In D.S.Byers (ed.) *Prehistory of the Tehuacan Valley* vol.1 :290-309, Univ. of Texas Press, Austin
- MEGGERS, BETTY
1954 Environmental limitation on the development of culture. *American Anthropologist* vol.56, n.5, :801-824
- 1956 Functional and evolutionary implications of community patterning. In R. Wauchope (ed) *Seminars in Archaeology: 1955*. SAA, Memoir 11, Washington D.C
1957 Environment and culture in the Amazon Basin: na appraisal of the theory of environment determinism. In A. Palerm *et alii* (eds.) *Studies in Human Ecology*, :71-90. Pan American Union Social Sciences Monograph, n.3, Washington D.C.
1966 Field testing of cultural law: a reply to Morris Opler. *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 17, n.14, :352-354
- MEGGERS, B. & EVANS, C.
1957 *Archaeological investigations at the Mouth of the Amazon*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 167, Washington D.C.
- MENDONÇA-DE-SOUZA, S. M. F.,
1991 Mendonça de Souza, A. - História da arqueologia brasileira. *Pesquisas em Antropologia*, n. 46.
- MENGHIN, OSWALD F.
1957 Das Protolithikum in Amerika. *Acta Praehistorica*, n.1
- MENZEL, DOROTHY
1964 Style and time in the middle Horizon. *Nawpa Pacha* n.2, :1-106
- MESKELL, LYNN
2001 Archaeologies of Identity. In I. Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today* :187-213, Cambridge, Polity Press
- MILLON, RENÉ F.
1967 Teotihuacán. *Scientific American*, vol. 216, n.6, :38-48
Molyneaux, B.L.
1994 Introduction: the represented Past. In *The Presented Past: heritage, museums and education* (ed. P. G. Stone & B. L. Molyneaux, 1-13, London, Routledge.
- MOSER, S.
2001 Archaeological Represtantion: the visual conventions for constructiong knowledge about the past. In *Archaeological Theory Today* (ed. I.Hodder), Polity Press, Cambridge.
- MULVANEY, D.J.
1969 *The Prehistory of Australia*. Londres, Thames ans Hudson.
- NARROLL, RAOUL S.
1962 Floor area and settlement population. *American Antiquity* vol. 27, n.4,: 587-589
- NATIONAL CENTER FOR HISTORY IN THE SCHOOLS.
1996 National Standards for History. Basic Editions. Los Angeles: university of California Press.
- NELSON,N.C.
1916 Chronology of the Tano Ruins. *American*

- Anthropologist*, New Mexico, 18 (2): 159-180
- NEVES, E.
2001 Twenty Years of Amazonian Archaeology in Brasil. *Antiquity* 72 (277): 625-32
- NEVES, W.A.
1996 Arqueologia brasileira: algumas considerações. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia* 2:200-205.
- NEVES, W.A. ET ALII
1999 Cranial morphological variation in South America and the colonization of the New World: towards a four migration model? *Ciência e Cultura Journal of the Brazilian Association for the Advancement of Science* 51, 151-165.
- NDORO, W. & PWITI, G.
2001 Heritage management in Southern Africa. *Public Archaeology* vol. 2: 21-34
- ORSER, C.E.
1990 Archaeological approaches to New World plantation slavery. In M.B. Schiffer (ed.) *Archaeological Method and Theory* vol. 2: 111-154, Tucson, University of Arizona Press.
1992 *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte : Oficina de Livros.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A.
1995 *Pottery in Archaeology*. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge. Cambridge Univ. Press
- OUTES, FELIX F.
1897 *Los Querandies* Impreuta Martin Biedma, Buenos Aires
1898 La Edad de la piedra en Patagonia. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol 12, :203-575
1907 Arqueología de San Blas, Provincia de Buenos Aires. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol.14, :249-275
- PATTERNSON. THOMAS C.
1989 History and the Post-Processual Archaeology. *Man*, vol.24 :555-566
- PEERS. L.
1999 "Many tender ties": the shifting contexts and meanings of the S Black bag. *World Archaeology* 31: 288-302.
- PESSIS, A. M.
1989 Apresentação gráfica e apresentação social na tradição nordeste de pintura rupestre no Brasil. *Clio* 5:11-17,
- PLOG, FRED T.
1974 *The study of Prehistoric Change* Academic Press, New York
1976 Measurement of Prehistoric Interaction between communities. In K.Flannery (ed.) *The early mesoamerican village*, New York, Academic Press
- PREUCEL, R.W.
1991 *Processual and Postprocessual archaeologist: multiple ways of knowing the past*. Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper n.10, Southern Illinois Univ., Cabondale
- PROUS, A.
1991 *Arqueologia Brasileira*, 605 pp. UnB, Brasília.
- PROUS, A.
1994 L'archéologie brésilienne aujourd'hui, Problèmes et tendances. *Recherches Brésiliennes*, Besançon, 9-43.
- PYBURN, K. ANN AND RICHARD R. WILK.
1995 Responsible Archaeology Is Applied Anthropology. In: Ethics in Archaeology: Challenges for 1990s, ed. M. J. Lynott and A. Wylie, 71-76, Washington, D. C.: Society for American Archaeology.
- RATHJE, WILLIAM L.
1970 Socio-political implications of Lowland Maya Burials: methodology and tentative hypotheses. *World Archaeology* vol1, n.3 :359-374
1974 Garbage Project: a new way of looking at the problems of Archaeology. *Archaeology* vol.27, n.4 :236-241
1978 Archaeological Ethnography...because sometimes it is better to give than to receive. In R. Gould (ed) *Explorations in Ethnoarchaeology*, :49-75. School of American Research, Advanced Seminar Series, Univ. of New Mexico Press, Albuquerque
- REDMAN, C.L.
1973 Research and theory in current Archaeology: na introduction. In C.L.Redman (ed.) *Research and theory in current archaeology* : 5-26, Wiley, New York
1991 Distinguished lecture in Archaeology. In defense of the seventies – the adolescence of New Archaeology. *American Anthropologist* vol.93, :295-307
- RENFREW, C. & BAHN, P.
1996 *Archaeology – Theories, Methods and Practice*. Thames and Hudson, 2. Edition, Londres
- RESTREPO, VICENTE
1895 *Los Chibchas antes de la Conquista Espanola*. Imprensa de La Luz, Bogotá
- RIBEIRO, M. A.
2000 *Ecologizar. Pensando o ambiente humano*. Belo Horizonte, Rona Editora
- ROBRAHN-GONZALEZ, E. M.
1996 Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* vol. 6: 83-122, São Paulo.

- 2000 Reflexionen ueber den Gedrauch der historischen Analogie in Brasilien. In: A. Gramsch (ed.) *Vergleichen als archaologische Methode. Analogien in den Archaeologien*, BAR International Series, arbeitgemeinschaft Theorie (T-AG). Berlim,131-142
- 2001 El uso de la Analogia en la Etnoarqueologia Brasileira. Anais da *II Reunión Internacional de Teoría Arqueológica en América del Sur*. Argentina.
- ROUSE, I.G.
1939 *Prehistory in Haiti. A study in method*. Yale Univ. Publications in Anthropology, n.24, New Haven
- 1960 The classification of artifacts in Archaeology. *American Antiquity*, 25: 313-23
- ROWE, JOHN H.
1963 Urban Settlements in Ancient Peru. *Nawpa Pacha* vol.1, n.1 :1-27
- ROWLANDS, M.
1998 The archaeology of colonialism. In K. Kristiansen & M. Rowlands, *Social Transformations in Archaeology: global and local perspectives*, 327-33, London, Routledge.
- SALMON, MERRILEE H.
1992 Postprocessual explanation in Archaeology. In L.Embree (ed.) *Meta-Archaeology*, Boston Studies in the Philosophy of Science. Kluwer Academic Press, Boston
- SANDERS, WILLIAM T.
1956 *Tierra y Agua*. Phd Dissertation, Harvard University, Cambridge.
- 1957 *The Cultural Ecology of the Teotihuacan Valley*, Pennsylvania State University, University Park
- SANDERS, W.T.; MERINO, JOSEPH
1970 *New orld Prehistory. Archaeology of the American Indians*. Foundations of Modern Anthropology Series. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- SANDERS, W.T. & PRICE, BARBARA
1968 *Mesoamerica, the evolution of a civilzarion*. Random House, New York
- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUZA.
2003 Prefácio. In: Boaventura de Souza Santos (org). *Reconhecer para Libertar. Os caminhos do Cosmopolitismo Multicultural*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 13-68.
- SCHIFFER, M.B.
1976 *Behavioral Archaeology*. Academic Press, New York
- SCHORTMAN, M. & URBAN, P.A.
1989 Interregional interaction in Prehistory: the need for a new perspective. *American Antiquity* 54(1) :52-65
- 1992 Current trends in interaction research. In M.Schortman & P.A.Urban (eds.) *Resources, power and interregional interaction*. Plenum Press, New York
- SCHUYLER, ROBERT L.
1970 Historical and Historic Sites Archaeology as Anthropology: basic definitions and relationships. *Historical Archaeology* vol.4 :83-89
- SCHWARCZ, LILIA MORITZ.
1993 O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras.
- SHACKEL, P.
2002 Broadening the Interpretation of the Past at Harpers Ferry National Historical Park. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 157-167.
- SHANKS, MICHAEL & TILLEY, CRISTOPHER
1987 *Social Theory and Archaeology*. Polity Press, Cambridge
- 1989 Archaeology into the 1990s. *Norwegian archaeological Review*, vol. 22:1-12
- SHANKS, MICHAEL & HODDER, IAN
1995 Processual, postprocessual and interpretive Archaeologies. Ian Hodder et alii (eds.) *Interpreting Archaeology – finding meaning in the past*. Roulledge, London and New York, :3-29
- SEARS, WILLIAN H.
1961 The study of social and religious systems in North American Archaeology. *Current Anthropology* vol.2, n.3, :223-231
- SHIVA, V
2003 *Monoculturas da mente. Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo, Editora Gaia.
- SMITH, G. AND EHRENHARD, J.
2002 Protecting the Past to Benefit the Public. In: *Public benefits of Archaeology*. Ed. Barbara J. Little, University Press of Florida, 121-130
- SPAULDING, ALBERT C.
1988 Disntinguished lecture: archaeology and anthropology. *American Anthropologist* vol. 90 :263-271
- SPIER, L.
1917 *Na outline for a chronology of Zuñi ruins*. Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, 18, Nova Iorque :207-331
- SPIINDEN, HERBERT J.
1917 The origin and distribution of agriculture in America. *Proceedings, Niineteenth International Congress of Americanists*, :269-276, Washington D.C.

- 1928 *Ancient Civilizations of Mexico and Central Mexico*. American Museum of Natural History Handbook Series, n.3, New York
- SQUIER, EPHRAIM G.
1849 *Aboriginal Monuments of New York*. Smithsonian Contributions to Knowledge, vol. 2, Washington, D.C.
- STAHL, A.
1994 Change and Continuity in the Banda Area, Ghana: The Direct Historical Approach. *Journal of Field Archaeology*, 21, pp:181-203.
- STEERE, J.B.
1927 *The Archaeology of the Amazon*, Univ. of Michigan Official Publications vol.29, n.9, Univ. of Michigan, Ann Arbor
- STEINEN, KARL VON DEN
1904 Ausgrabungen am Valenciasee. *Globus* vol.86, n.77, :101-8
- STEWART, JULIAN H.
1937 Ecological aspects of Southwestern Society. *Anthropos* vol.32, :87-104
1938 The direct historical approach to Archaeology. *American Antiquity* vol.7 n.4 :337-433
1946-50 *The Handbook of South American Indians*, 6 vols., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Washington D.C.
1949 Cultural Causality and Law: a trial formulation of the development of early civilizations. *American Anthropologist* vol.51, :1-27
1950 *Theory of Cultural Change*. Univ. of Illinois Press, Urbana
1955 *Civilizaciones antiguas del viejo mundo y de america : symposium sobre las civilizaciones de regadio*. Washington, Dc : Union Panamericana.
1966 Toward understanding cultural evolution. *Science* vol.153, :729-730
- STEWART, LINCOLN J.
1942 *The maya calendar of the ixil of guatemala*. Washington : Carnegie Institution of Washington,
- STIRLING, MATTHEW W.
1943 *Stone Monuments of southern Mexico*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 138, Washington D.C.
- STOW, J.
1603 *A survey of London*. London
- STRONG, WILLIAM D.
1935 *Na introduction to Nebraska Archaeology* Smithsonian Miscellaneous Collections, vol.93 n.10, Washington D.C.
- STURTEVANT, WILLIAM C.
1960 *The significance of Ethnological similarities between Southeastern North America and the Antilles*. Yale Univ. Publications in anthropology, n.64, New Haven
- TAYLOR. WALTER W. JR.
1948 *A study of Archaeology*. Memoir Series of the American Anthropological Association, n.69,, Menasha, Wis.
- THOMAS, CYRUS
1894 *Report of the Mound Explorations of the Bureau of Ethnology*. Washington, D.C.
- THOMAS, DAVID
1988 Saints and soldiers at Santa Catalina: Hispanic Designs for colonial America. In M.P.Leone & P.B.Potter Jr (eds.) *The recovery of meaning: historical archaeology in the eastern United States* :73-140, Smithsonian Institution Press, Washington D.C.
2000 *Skull Wars: Kennewick Man, Archaeology and the Battle for Native American Identity*. New York, Basic Books.
- THOMPSON, J.E.S.
1950 *Maya Hieroglyphic Writing: na introduction*. Publications of the Carnegie Institution of Washington, n.589, Washington D.C.
- TORRES, LUIS M.
1907 *Arqueologia de la Cuenca del Rio Paraná. Revista del Museo de la Plata* vol.14 :53-122
1911 *Los primitivos habitantes del delta del Paraná* Univ. Nac. de La Plata, Biblioteca Centenaria vol 4, Buenos Aires
- TRIGGER, BRUCE G.
1963 Settlement as na aspect of Iroquois adaptation at the time of contact. *American Anthropologist* vol.65, n.1, :86-101
1967 Settlement Archaeology – its goals and promise. *American Antiquity* vol.32, n.1 :149-161
1968 The determinants of settlement patterns. In K.C.Chang (ed.) *Settlement Archaeology* :53-78, Nation Press Books, Palo Alto
1989 *A history of Archaeological Thought*. Cambridge University Press, Cambridge
1991 Constraint and freedom: a new synthesis for Archaeological explanation. *American Anthropologist* vol.93, :551-569
- UHLE, MAX
1903 *Pachacamac*. Niversity of Pannsylvania Press, Philadelphia.
- VAILLANT, GEORGE C.
1927 *The chronological significance of Maya Ceramics*. PhD dissertation, Harvard Univ., Cambridge.
- VAN MELLEN, J.
1679 *Historia urnae sepulchralis sarmaticae*. Jena
- WATSON, PATTY JO
1979 The idea of ethnoarchaeology: notes and comments. In C.Kramer (ed.) *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology* :277-88, New York: Columbia Univ. Press

- 1990 A Parochial Primer: the new dissonance as seen from the Midcontinental USA. In R.W.Preucel (ed.) *Processual and Postprocessual Archaeologies: multiple ways of knowing the past.* :265-274, Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper n.10, Southern Illinois Univ., Carbondale
- WATSON, PATTY JO; LEBLANC, S.A. & REDMAN, CHARLES L.
1971 *Expalnation in Archaeology, anexplicitly Scientific Approach.* Columbia Univ. Press, New York
- WATSON, RICHARD A.
1991 What the New Archaeology has Accomplished. *Current Anthropology* 32(3):275-291
- WAUCHOPE, ROBERT
1962 *Lost Tribes and Sunken Continents.* University of Chicago Press, Chicago.
1964-76 *Handbook of Middle American Indians*, vol. 1-16, Univ. of Texas Press, Austin
- WEDEL, WALDO R.
1953 Some aspects of human ecology in the Central Plains. *American Anthropologist* vol.55, :499-514
- WHALLON, R. JR.
1967 Investigations of late Prehistoric social organization in New York State. In S.R.Binford & L.R.Binford (eds.) *New Perspectives in Archaeology* :223-244, Aldine, Chicago
1968 A new approach to pottery typology. *American Antiquity*, 37: 13-33
1974 Spatial analysis of occupation floors (II): the application of nearest neighbour analysis. *American Antiquity* 39 (1), 16-34. Salt Lake City. Society American Archaeology
- WHITE, LESLIE A.
1959 *The Evolution of Culture.* McGraw-Hill, New York
- WILLEY, G.
1945 Horizon Styles ans pottery traditions in Peruvian Archaeology. *American Antiquity* vol.11 :49-56
1946 Comments on cultural and social Anthropology. In S. Tax *et alii* (eds.) *Na appraisal of Anthropology today.* :229-230, Univ. of Chicago Press, Chicago.
1947 *Prehistoric Settlement Patterns in the New World.* Viking Fund Publications in Anthropology, n.23, New York
1948 The early great styles and the rise of the pre-Columbian civilizations. *American Anthropologist* vol.64, n.1, :1-14
- 1953 Prehistoric settlement patterns in the Virú Valley, Peru. Washington : U.S. Govt. Print. Off
- 1956 *Prehistoric Settlement Patterns in the New World.* Viking Fund Publications in Anthropology No. 23, New York.
- WILLEY, G.R. & PHILLIPS, PHILIP
1955 Method and theory in American Archaeology, II: historical-developmental interpretations. *American Anthropologist* vol.57, :723-819
1958 *Method and theory in American Archaeology.* Univ. of Chicago Press, Chicago
- WILLEY, G.R. & SABLOFF, J.A.
1993 *A History of American Archaeology.* W.H. Freeman and C., New York, 3. Edition
- WYLIE, A.
1985 The reaction against analogy. *Advances in Arch. Method and Theory* 8: 63-111
1988 'Simple'analogy and the role of relevance assumptions: implications of Archaeological Practice. *International Studies in the Philosophy of Science* 2:134-150
1989 The interpretive Dilemma. V.Pinsky & A.Wylie (ed.) *Critical Traditions in Contemporary Archaeology: essays in the Philosophy, History and socio-politics of Archaeology.* :18-27, Cambridge Univ. Press, Cambridge
1991 Gender theory and the Archaeological record. In J.M.Gero & M.W.Conkey (eds.) *Engendering Archaeology, women and prehistory.* :31-56, Basil Blackwell, Londres
- WÜST, I.
1992 Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 2: 13-26. Universidade de São Paulo, São Paulo.
1994 The Eastern Bororo from an archaeological perspective. A.C. Roosevelt (ed.), *Amazonian Indians. From Prehistory to Present.* The University of Arizona Press, Tucson & London, pp. 315-342.
1998 Continuities and discontinuities: archaeology and ethnoarchaeology in the heart of the Eastern Bororo territory, Mato Grosso, Brazil. *Antiquity* 72(277): 663-675.
- WUST, I. & BARRETO, C.
1999 The ring villages of Central Brazil: a challenge for Amazonian Archaeology. *Latin American Antiquity* 10 (1): 3-23